

João Rafael Coelho Cursino dos Santos

CINIRA PEREIRA
DOS SANTOS
UMA MULHER
ILUMINADA



EDITORIA
pontocom



Fomento



Produção



Realização



João Rafael Coelho Cursino dos Santos

Cinira Pereira dos Santos

Uma mulher iluminada

Posfácio de José Carlos Sebe Bom Meihy

EDITORAS
pontocom

Copyright © 2025 João Rafael Coelho Cursino dos Santos
Direitos adquiridos para esta edição
pela Editora Pontocom

Revisão: Luiz Egypto de Cerqueira

Preparação: Sérgio Holanda

Diagramação: André Gattaz

Arte da Capa: Mario Gascó

Foto da Capa e p. 2: Nana Vieira

Fotografias: Acervo Dona Cinira

Seleção das Fotos: Lia e Renata Marques
e família Santos

Coordenação: André Gattaz

Editora Pontocom

Conselho Editorial

José Carlos Sebe Bom Meihy

Muniz Ferreira

Pablo Iglesias Magalhães

Zeila de Brito Fabri Demartini

Zilda Márcia Grícoli Iokoi

www.editorapontocom.com.br

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Santos, João Rafael Coelho Cursino dos
Cinira Pereira dos Santos : uma mulher iluminada /
João Rafael Coelho Cursino dos Santos ; posfácio de
José Carlos Sebe Bom Meihy. -- 1. ed. -- São Paulo :
Editora Pontocom, 2025.

ISBN 978-65-89496-21-2

1. Cultura popular - São Luiz do Paraitinga (SP)
2. Folclore - Brasil 3. História oral 4. Mulheres - Biografia 5. Santos, Cinira Pereira dos 6. Tradições populares - Brasil I. Título.

25-304540.0

CDD-920.72

Índices para catálogo sistemático:

1. Mulheres : Biografia 920.72

Henrique Ribeiro Soares - Bibliotecário - CRB-8/9314

Sumário

Cinira, 100	9
Memória e transcrição	11
1. Filão de histórias	19
2. Sinfonia a dois: Vida e parceria ao lado de Elpídio dos Santos	39
3. Os filhos e o Grupo Paranga	57
4. O espírito da festa	69
5. Memória que pulsa: a vida de Dona Cinira e o futuro da cultura popular luizense	83
Um posfácio à vida de Vó Nira: a voz terna de São Luiz do Paraitinga (José Carlos Sebe Bom Meihy)	99

“Foi a mulher da vida de Elpídio dos Santos, compositor multifacetado e músico fino. O mestre compôs sambas, toadas, foxes, guarâncias; escreveu dobrados para bandas, arranjos para coros de igreja e músicas para filmes de Amacio Mazzaropi. Elpídio dos Santos fez de tudo um pouco, inclusive esculturas e telas, além de letras e músicas. Faria muito pouco sem Cinira.”

(Luiz Egypto in “A banda da banda de lá”, texto de apresentação do caderno distribuído no lançamento do Instituto Elpídio dos Santos. São Luiz do Paraitinga, SP, 02/11/2001)

Cinira Pereira dos Santos:
uma mulher iluminada

Cinira, 100
Memória e transcrição

JOÃO RAFAEL CURSINO



Dona Cinira, 2009. Foto: Nana Vieira.

Agradecimentos

Ter tido o convívio com dona Cinira foi um privilégio que mudou minha visão de mundo.

Gostaria de ressaltar a gratidão especial à minha família, a Negão dos Santos, Renata e Lia Marques, Fábio Gomes, Netto Campos, Luiz Egypto, José Carlos Sebe Bom Meihy, Marina de Mello e Souza, André Gattaz e todas as pessoas que fazem parte deste projeto. E ainda, por meio da Regina Santos, gostaria de agradecer de forma especial toda a família Santos.

É fundamental o trabalho que o Instituto Elpídio dos Santos tem feito pela preservação da memória cultural de nossa região.

Cinira, 100

Cinira Pereira dos Santos completaria 100 anos de idade em 1º de novembro de 2025. Sua trajetória, feitos e afetos justificam reviver seu legado e sua obra, marcas indeléveis que ela deixou na história cultural de São Luiz do Paraitinga. No âmbito familiar, afora os exemplos de sabedoria com que brindou seus filhos e netos, foi a maior responsável pela preservação da obra do maestro e compositor Elpídio dos Santos, com quem foi casada por dezessete anos. Também por isso, foi natural que surgissem muitas ideias para comemorar o seu centenário.

Recordei-me que em 2005, quando cursava a disciplina “História Oral e Relações Disciplinares”, no programa de pós-graduação em História Social da Faculdade de Filosofia Letras e Ciências Humanas da USP, fui instado pelo professor José Carlos Sebe Bom Meihy a encarar o desafio de realizar um trabalho de história oral com um personagem cultural de meu entorno pessoal. Esta escolha não foi difícil: devido à obrigação acadêmica, tive o privilégio de passar vários dias em uma prosa deliciosa com a querida Vó Nira.

Foram horas de conversa que geraram um material bem maior do que o inicialmente previsto. Mas eu tinha um compromisso com os prazos de entrega, e, ao mesmo tempo, com a necessidade de contemplar uma cobrança constante do professor Meihy, no sentido de que os trabalhos acadêmicos precisam sempre trazer uma devolutiva social aos envolvidos. Isto se deu, à época, com a entrega de exemplares de um livreto com a edição do depoimento a Dona Cinira, bem como aos filhos e netos.

Em agosto de 2024, faltando poucos dias para terminar a vigência do “Edital Fomento CULTSP – PNAB Nº 46/2024 – Realização de pesquisa e publicação de estudo cultural”, da Secretaria de Cultura do Estado de São Paulo, surgiu a ideia: esse edital poderia permitir a produção de uma homenagem pelo centenário de Dona Cinira. Reunimos então uma força-tarefa de amigos e familiares e enviamos um projeto que propunha a realização de uma exposição, shows, palestras e a reedição da pesquisa sobre a vida da Dona Cinira, contada por ela mesma. E, também, a distribuição gratuita de exemplares físicos e digitais com o depoimento para que, sobretudo as novas gerações, pudessem ter contato com a história de uma mulher muito especial, em dia com o seu tempo. O projeto foi aprovado.

A partir da próxima página voltamos no tempo para ganhar fôlego e continuar contando com a força desta mulher única, que esbanja sabedoria e afetividade.

Viva Dona Cinira!

Memória e transcriação¹

Ecada vez mais presente nos tempos que correm a discussão sobre os desafios da cultura popular na contemporaneidade. Em um mundo propenso a valorizar a individualidade e uma espécie de uniformização de padrões culturais, vemos as manifestações folclóricas coletivas sendo fortemente cerceadas e muitos já falam em fim da cultura popular. Talvez eu seja um privilegiado por viver em São Luiz do Paraitinga e poder acompanhar, no mesmo século XXI dos tantos avanços tecnológicos, as diversas manifestações caracterizadas pela força da cultura oral, pela tradição dos grupos folclóricos, vetores de uma identidade luizense enraizada em valores coletivos, além da manutenção de tradições seculares em festas populares, com destaque para a do Divino Espírito Santo.

O mundo atual pode já ter provocado muitas transformações no interior dessas manifestações, mas a sua resistência e perpetuação são sinais importantes de que elas têm um espaço de destaque no mundo moderno e globalizado, desdizendo teses finalistas sobre o futuro da cultura popular. Tomar o processo de mudanças como argumento de decadência é um erro gravíssimo. É o mesmo que pensar o folclore como algo estático e não entender se tratar de um “mundo” onde tudo acontece nas relações entre as pessoas, em um movimento de constante transformação. A sociedade contemporânea tem na contrapartida cultural, seguindo

¹ Texto elaborado em 2005, como trabalho de conclusão de curso da disciplina “História Oral e Relações Disciplinares” ministrada pelo Prof. Dr. José Carlos Sebe Bom Meihy, no programa de pós graduação de História Social da FFLCH/USP.

Sevcenko², uma das únicas formas de, por exemplo, atuar criticamente sobre as inovações tecnológicas, detentoras de tanto destaque e falíveis em muitos de seus aspectos. Um contato com São Luiz do Paraitinga e sua festa do Divino esclarece rapidamente essa questão.

A História tem repensado muito de suas concepções ao aprofundar os estudos sobre parcelas da sociedade por muito tempo desprivilegiadas dos principais discursos. As investigações de novos campos, como o do Cotidiano e da História Oral, têm demonstrado a importância da cultura popular para a construção da memória de um povo. Os acontecimentos históricos nunca farão sentido por si mesmos – afinal, só incorporamos conceitos na nossa experiência sensitiva se isso vier acompanhado de significados e símbolos de identificação. Discutir a memória tem papel fundamental nisso tudo. Ela representa a reprodução de um passado que guardamos individualmente, porém resguardado de uma forma especial, com mecanismos de esquecimento programados e privilégios de determinados fatos a partir de escolhas atuais e da coletividade a que se pertença. Simbologias como as presentes na festa do Divino de São Luiz do Paraitinga são fundamentais para perpetuar significados coletivos entre sua população e ajudar a entender por que a resistência é uma palavra-chave quando falamos desse desafio da modernidade.

Tenho buscado estudar minha cidade e seus sujeitos não simplesmente como um contraponto a um “mundo” com valores diversos dos pregados por aqui, e, sim, para demonstrar que os discursos históricos precisam ampliar seu campo de ação. Baseado na experiência de vida de uma pessoa, Cinira Pereira dos Santos (1925-2011), este trabalho

² SEVCENKO, Nicolau. *A corrida para o século XXI: No loop da montanha russa*. São Paulo: Companhia das Letras, 2001. p.16-22.

traz discussões sobre os limites dessa modernidade, desse progresso, ajudando a entender o porquê da perpetuação de tradições e das suas transformações, sempre a partir de passagens de seu dia a dia, sua relação com outras pessoas, os costumes de sua vida, ou seja, momentos subjetivos em que a busca não deve ser a de apontar incoerências ou eventuais exageros, e sim de entender qual a mensagem que a ocorrência desse fenômeno quer transmitir. O contato com o campo da História Oral, a partir da disciplina “História Oral e Relações Disciplinares”,³ ministrada pelo professor doutor José Carlos Sebe Bom Meihy, para a qual esta pesquisa foi proposta, enfatiza isso.

Este campo de estudo permitiu, ainda, perceber que a busca deve sempre ser a do entendimento da sociedade, atingindo um público muito maior – tanto o a ser pesquisado como o receptor do trabalho –, tornando mais vasto e mais democrático o que tradicionalmente qualificamos como “conhecimento”.⁴ Afastar-se da obsessão da história pelo utópico “fato legítimo” em detrimento da busca da experiência, incluindo as fantasias, exageros e incoerências, é a lição que a História Oral fornece e permite, mostrando a importância política desse campo como contraponto na construção do discurso histórico oficial, inclusive dando voz àqueles que ainda não tiveram reconhecimento.

São Luiz do Paraitinga sempre atraiu pesquisadores, e por sua rica diversidade cultural é constantemente chamada de “último reduto caipira do Estado”⁵. Este destaque tem

³ Disciplina oferecida no segundo semestre de 2005 no programa de pós-graduação em História Social da Universidade de São Paulo.

⁴ MEIHY, José Carlos Sebe Bom. *Manual de História Oral*. Edições Loyola, São Paulo, Brasil, 5^a edição, fevereiro de 2005, pg 122.

⁵ A denominação – que tornou-se frequente em vários trabalhos sobre a cidade – surgiu a partir de uma reportagem do jornal *O Estado de S. Paulo* de setembro de 2000.

resultado na elaboração de um número considerável de trabalhos sobre a cidade, mas nem sempre privilegiando alguns aspectos fundamentais. A oralidade, marca de todos acontecimentos, geralmente desaparece dos textos finalizados. Em eventos como a festa do Divino, que envolvem muitas etapas de preparação e participação popular – como Dona Cinira conta em detalhes em seu relato – comumente se constrói uma análise a partir dos atos do festeiro ou daqueles que detêm relações com o poder público e eclesiástico.

Dona Cinira é a principal referência para toda a comunidade luizense. É consultada quando se estuda a história da cidade, a história das festas populares, a história de seu marido Elpídio dos Santos – exímio compositor e parceiro de Amácio Mazzaropi –, entre outros diversos temas. Mesmo com toda essa importância, nunca foi investigada sobre sua história de vida. Poder permitir esta possibilidade, em um processo no qual nada mais fiz do que mediar essa submersão em uma “história escondida”,⁶ revelada pela própria Dona Cinira, é extremamente gratificante.

Aliás, todo o processo de pesquisa, e principalmente os encontros com essa senhora, foram momentos inesquecíveis em minha iniciante vida como historiador. Pude assim comprovar, na prática, a necessidade sempre pregada pelas discussões de História Oral: a de deixar de lado, o máximo possível, a autoridade de escolhas e de recortes que se costuma atribuir ao pesquisador e transmiti-la ao seu colaborador, sempre reafirmando que todo trabalho de História Oral deve ser pautado por uma constante negociação.

⁶ O autor Michael Pollak é fundamental para entender esta memória silenciada, que chama de “subterrânea”, frente a um discurso oficial e que emerge do relato de Dona Cinira. O texto utilizado no curso já citado, ministrado pelo prof. Sebe, é uma referência importante: POLLAK, Michael. “Memória, esquecimento, silêncio”. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v. 2, n. 3, 1989, p. 3-15.

Baseado na metodologia do *Manual de História Oral*,⁷ do professor Meihy, o texto sobre a vida de Dona Cinira é fruto de um projeto construído a todo instante durante a pesquisa. A proposta inicial seria um projeto de História Oral temático sobre a Festa do Divino de São Luiz do Paraitinga, e, por tudo que representa na comunidade, escolhi Dona Cinira como primeira entrevistada. Pensava, inclusive, ser esta a fonte mais indicada para sugerir outras pessoas a serem posteriormente entrevistadas. Logo no início desse encontro, fiquei surpreso ao ver como Dona Cinira ficou admirada ao perceber que eu estava interessado especificamente em sua vida, e pensei: “Como uma pessoa como ela poderia sequer ter pensado na possibilidade de um trabalho que contemplasse sua experiência pessoal?”.

Durante nossa conversa, os assuntos caminharam cada vez mais para uma História Oral de vida, tanto que, após orientação do professor Sebe, o projeto foi mesmo modificado para o campo da História Oral. Aquele primeiro encontro também fez com que eu tivesse a certeza de que teria muita coisa ainda para conversar com Dona Cinira, e não seria correto passar para outro colaborador com tantos caminhos abertos naquela conversa inicial.

Logo após três entrevistas gravadas e diversos encontros para conversar sobre a pesquisa, já havia recolhido um bom material para a realização do projeto dentro do período em que precisou ser finalizado. Dona Cinira, comprovando a necessidade de um trabalho como este ter uma função de devolução social àquele que é estudado, demonstrou-se entusiasmada durante a pesquisa, sugerindo a inclusão de fotos, temas a serem discutidos, modificando os caminhos do projeto e mostrando, claramente, como é fundamental

⁷ MEIHY, José Carlos Sebe Bom. Op cit.

relativizar a questão da autoria. Tudo foi construído em conjunto, e enxergar concretamente essa satisfação da colaboradora transmitiu um incentivo imenso ao pesquisador.

O primeiro passo após a gravação das entrevistas, seguindo a metodologia do *Manual de História Oral*, foi a transcrição. É necessário ficar claro que oralidade e escrita são códigos distintos e, por mais que nesse primeiro momento a principal intenção seja sempre manter-se o mais próximo possível do discurso de Dona Cinira, trata-se de um “novo” material. Utilizar recursos de pontuação para reafirmar momentos de ênfase, hesitação e silêncio são sempre importantes. Entretanto, de forma alguma se pretende um “resgate” do momento da entrevista. A ilusão da objetividade do historiador é algo inatingível, e isso fica muito claro em um projeto desse tipo. Devemos optar pela manutenção de informações como a impressão de Dona Cinira ter vivido o momento em que Dom Pedro II passou por São Luiz do Paraitinga, ou a importância atribuída aos grandes fazendeiros do café, pois são nesses momentos que surge a possibilidade de enxergar, por exemplo, a influência do “baronato” em sua visão de mundo, bem como na de toda comunidade luizense.

Feita a transcrição, foram suprimidas as perguntas, realizando um processo de textualização, e passou-se à última etapa do projeto, conceituada pelo professor Sebe como “transcriação”⁸: é o texto que vem a seguir. Ressaltando a todo momento a importância de tratar-se de um projeto feito em conjunto com seu colaborador, as divisões de temas de destaque, as junções de assuntos entre diversas partes das entrevistas, o acréscimo de informações posteriores, as supressões de algumas falas, alguns passos deste

⁸ Ibid. p.195-204.

processo que chega até o texto final, foram sempre autorizados e sugeridos cuidadosamente por Dona Cinira.

A “transcrição” é o ponto máximo na discussão sobre o que se entende por científicidade em um trabalho como este. Em busca primordialmente da experiência, a subjetividade e a interpretação são marcas mais importantes do que a ideia de uma construção textual preocupada em produzir uma utópica reprodução fiel ao que Dona Cinira contou. Na verdade, desde que o projeto é pensado, já se está trabalhando com a ideia de modificação de realidade. Assim, todas as escolhas, a forma com que estudei sua vida pessoal e os assuntos e contatos exteriores ligados à sua história proporcionaram suporte à pesquisa, marcando uma participação em todo o processo “transcricativo”. Tentei manter alguns signos linguísticos exemplares do repertório de Dona Cinira, representativa da identidade luizense, e como este processo de “transcrição” também resulta em um “novo documento”, fica explícita a função de intervenção. Desde discussões conceituais sobre o porquê do projeto, qual a linha historiográfica seguida, passando pela entrevista transcrita e pela elaboração do caderno de campo – onde estão relatadas impressões, opiniões, passos fundamentais da pesquisa – pode-se ter uma visão mais ampla e uma melhor compreensão do texto “transcrito”.

Sei que seria necessário muito mais tempo e mais pesquisa para corresponder à riqueza das informações proporcionadas por esta experiência fundamental para minha vida, durante o contato que tive com Dona Cinira. Por esse motivo não dou este trabalho como encerrado. Seria um grande prazer retomá-lo em um futuro próximo, após críticas e sugestões recebidas.

Antes de passar a palavra para a verdadeira autora desta pesquisa, lembrando que nada mais fiz a não ser

mediar todo o processo, gostaria de agradecer o apoio fundamental de algumas pessoas: meus pais e minha família, pelo constante apoio; a orientação preciosa do professor José Carlos Sebe Meihy e de suas monitoras Fabíola e Suzana; a professora Cássia Moradei, pelo auxílio na revisão do texto; o apoio incondicional de toda família Santos durante os passos do projeto; e, logicamente, a “Divina” senhora Cinira Pereira dos Santos, pela sua história, pelo seu exemplo e pela constante solicitude em colaborar.

Espero alcançar dois objetivos principais do projeto: um retorno social para Dona Cinira e para toda comunidade luizense. Que esta pesquisa seja, com todos os seus limites, mais um instrumento na missão de resistência da cultura popular luizense, como tão bem explicitado por Dona Cinira em seu relato. “Escutemos”, a partir de agora, a sua história.

Cinira Pereira dos Santos: uma mulher iluminada

1. Filão de histórias



Dona Cinira com um ano de idade, 1926.

“Na verdade, não sinto nada de muito especial pelas pessoas me considerarem uma ‘reserva da memória’ de São Luiz do Paraitinga. Contar a história não representa mais do que relembrar momentos que eu vivi, presenciei, ou recordar as histórias que outras pessoas contaram para mim quando era mais jovem, e, hoje, reconto para vocês.”

Hoje conhecida por todos de São Luiz do Paraitinga como “Vó Nira”, me chamo Cinira Pereira dos Santos e nasci no dia 1º de novembro de 1925 aqui mesmo, nesta cidade. Aliás, nasci na mesma casa em que ainda resido, na rua Coronel Domingues de Castro, bem em frente à capela de Nossa Senhora das Mercês, uma das construções mais antigas da cidade. O tempo tem passado muito rápido, mas uma coisa é certa: com muitas dificuldades, tive uma vida muito feliz e não saberia começar a contar sobre ela sem falar antes de minha mãe, por dois motivos: o primeiro é que nunca tive família muito grande e, mesmo nunca sendo abatida, sofri muita resistência por ser filha de mãe solteira em uma época em que isso era muito mais complicado do que hoje. Segundo, porque minha mãe foi um exemplo marcante em toda minha vida. Gente muito simples, Dona Geralda sabia das coisas e não posso reclamar de nada da educação que recebi, pois seu exemplo foi o mesmo que passei para os meus filhos, netos, e estão todos bem por aí.

Minha mãe era filha de um fazendeiro cuja principal atividade era a criação de burros para atender às diversas tropas que saíam e passavam por aqui. Naquele tempo, quase não tinha estrada e todo o transporte de mercadoria – e mesmo de pessoas – era feito por tropas. São Luiz do Paraitinga, próximo de Ubatuba, sempre recebia muitas dessas expedições. Meu avô Benedito nasceu em Cunha e minha avó, Virgínia, nascida em São Luiz do Paraitinga, foi sua segunda mulher. Com esses detalhes é fácil perceber a minha ligação com São Luiz do Paraitinga, pois toda minha família sempre pertenceu a esta região e mesmo a esta cidade mais especificamente. Logo que meus avós se casaram, nunca mais saíram de São Luiz e além de vender os animais para as tropas, meu avô também possuía uma tropa atendendo a muitas pessoas.



Avós maternos de Dona Cinira, Benedito e Virgínia, fins do século XIX

Tiveram quatorze filhos e entre estes, minha mãe. Mas a vida logo colocou um desafio para a minha família. Quando minha mãe estava com apenas sete anos, perdeu repentinamente seu pai e, em apenas oito dias, ficou sem sua mãe também. O resultado foi a divisão de quatorze órfãos para os tios, todos irmãos de minha avó. Como já disse, era minha avó quem possuía família aqui, em São Luiz do Paraitinga. Entretanto, tinha um probleminha: era muito filho para pouco tio! Foram dois para cada casa e mesmo assim não foi suficiente. Assim nomearam para minha mãe um tutor – para quem não sabe, tutor é uma pessoa boa da cidade que aceita criar quem fica sem família, coisa que sempre acontecia antigamente.

O tutor de minha mãe chamava-se Pedro Mariano e morava no bairro do Turvo, que fica bastante próximo do centro de São Luiz do Paraitinga. Era de uma família que ainda é bastante conhecida na cidade: era tio da mãe do

Dinho, da Iracema, da Haydée, filhos do Zé Cornélio. A casa deles, atualmente, fica bem próxima da minha, logo na esquina da rua Coronel Domingues de Castro com a rua Monsenhor Ignácio Gióia. Quando morava lá, no bairro do Turvo, minha mãe não era muito bem tratada. Fazia muito serviço e sempre ficava doente, pois era muito fraquinha. Os vizinhos, ao verem essa situação, tinham muito dó e alertaram o tutor Pedro Mariano. Este achou por bem tirar ela de lá. Minha mãe tinha uma irmã que morava nesta casa onde moro hoje. Era filha do primeiro casamento de meu avô. Seu nome era tia Maria. Junto desta tia Maria tinha mais uma senhora velhinha que eu chamava de “Vó”. Seu nome era Paulina, e como eu gostava dela!

O Pedro Mariano decidiu mesmo trazer minha mãe com a irmã dela, mas, logo quatro meses depois disso, essa minha tia também morre. Então, foi Dona Paulina quem acabou, na realidade, criando minha mãe. Como de costume na época, minha mãe chamava-a de “Madrinha” e, para mim, sempre foi “Vó”. Solteira por toda a vida, assim como minha tia que morava com ela, essa minha “Vó” praticamente não possuía nenhum parente também, mas foi ela quem deixou esta casa para minha família. No testamento de meu avô, seus vários bens: esta casa, uma outra logo em frente, uma “chacrinha” perto do hospital, entre outros, estavam já bem divididos. Esta casa ficou em usufruto da minha tia e desta minha “Vó”; e como minha tia morreu primeiro, minha mãe continuou vivendo com esta sua madrinha até o seu casamento. Já adiantei que nasci quando minha mãe ainda era solteira – assim nasci e comecei minha vida neste mesmo lugar. Mesmo quando minha mãe saiu da casa, eu tinha cinco anos e nunca deixei de frequentá-la, pois mesmo minha “Vó”, bastante velhinha, continuava muito especial para mim.

Essa casa passou para gente quando eu tinha treze anos. A minha “Vó” chamou minha mãe e falou para ela: “Olha, Geralda, de repente eu morro, já tenho idade, e não vou deixar esta casa assim, [de graça] para o governo. Eu quero passar ela para a ‘Nira’.”



Casa de Dona Cinira. Rua Cel. Domingues de Castro, 55. Foto: Lia Marques, 2025

Acredito que naquela época, se a documentação não fosse bem arrumada, as pessoas acabavam deixando as coisas para o governo. Minha mãe concordou com a vontade da Vó Paulina e procuraram um senhor que era muito amigo de todos lá de casa, o Dr. Mário Aguiar, um juiz de direito. Eu, inclusive, fui colega dos filhos dele na escola. Foi um outro amigo nosso, o Romildo, quem procurou o Dr. Mário e contou da vontade da Vó Paulina. Dr. Mário logo veio até nossa casa e nos instruiu como tinha que ser o processo: “Dona Paulina, não tem como passar a casa direto. A senhora precisa saber se realmente não possui parentes.”

Na verdade, não sei muito bem se o Dr. Mário arrumou outro advogado ou ele mesmo fez o documento chamado usucapião. Primeiramente, procurou saber se existia

algum parente que tivesse direito na casa, chamando-o por documento. Aí, não apareceu ninguém naquele prazo de quarenta dias para as pessoas comparecerem. Na verdade, isso já faz quase setenta anos e nunca apareceu ninguém. Vó Paulina decidiu fazer a documentação de usufruto e passou a casa para o meu nome. Eu tinha ainda apenas treze anos!

Este é apenas o primeiro exemplo de que eu sempre fui muito querida. Mesmo numa época em que ninguém aceitava uma moça ficar com filho sem pai em casa, eu nunca tive muita dificuldade por causa disso. Hoje é muito fácil resolver essas coisas, pois existe o exame de DNA e muitas outras coisas. Antigamente, não tinha o que fazer. A escola era um dos lugares onde a gente mais sofria. Porém, como sempre fui muito esperta, ativa, alegre e procurava sempre conversar com todo mundo, fui superando as dificuldades. Eu nunca tomei muito conhecimento desse tipo de coisas, nunca me abati. Desde jovem tinha as amizades das professoras e de muitas pessoas importantes, mesmo sendo filha de mãe solteira.

Uma das coisas que me ajudou muito foi ter passado bastante tempo da minha infância ajudando em um hotel que era da minha madrinha, onde, hoje, fica o restaurante Cantinho dos Amigos. O hotel dela era muito bom – para a época –, o melhor da cidade, e ela ficava desesperada porque não conseguia empregada sempre que precisava. Até tinha uma moça de Lagoinha que a ajudava, mas minha madrinha era muito exigente e essa moça sempre deixava muito a desejar. Minha madrinha era casada com um português muito rigoroso e ficava muito brava porque sempre queria as coisas arrumadas exatamente à sua maneira. Sempre que precisava ela me chamava: “‘Nira’, fala para comadre Geralda se ela não pode te mandar aqui um pouco, estou precisando muito de você.”

Acabei crescendo nesse hotel e foi uma experiência muito boa para mim. Mesmo não tendo ordenado, até que de vez em quando ganhava algumas gorjetas, além de que, no meu aniversário, minha madrinha sempre me dava um corte de tecido para fazer um vestido. A experiência no hotel foi fundamental para toda a minha vida. Como lá sempre vinham muitas autoridades – desde dentistas, juízes, promotores, professores – eu sempre estava por lá, muitos deles acabavam gostando de mim e isso me dava um crédito na comunidade. Falo isso porque nesta época era comum escutar: “Olha aqui, não tem que andar com aquela menina porque a mãe dela é amigada!”.

“Amigada” era o termo usado para não falar coisa pior. Mas eu sempre fui danada com isso! Minha mãe tem função muito importante nisso e mesmo sendo gente muito simples, sempre foi muito exigente. Acho que dá para perceber que ela sempre foi criada na casa dos outros e com várias dificuldades. Ficou a lição de sempre ser necessário se virar, se moldar às diferentes situações. Eu também sempre precisei superar muita coisa, pois perdi o marido com os filhos pequenos, ajudei a criar e enterrar todos meus irmãos, já perdi um filho, mas sempre procurei me moldar à situação. É necessário! Nunca em minha vida fiquei sem trabalhar. Criança ainda, como contei, já ajudava no hotel de minha madrinha e, até hoje, continuo fazendo meus artesanatos. Quando eu tinha dezessete anos, em 1942, uns familiares que trabalhavam no hospital do Juqueri, em Franco da Rocha, vieram passear aqui em São Luiz e falaram para minha mãe: “A Nira já está mocinha e aqui não tem emprego, Geralda. Por que não deixa ela ir com a gente para São Paulo? Ela pode morar em nossa casa e trabalhar no hospital. Garanto que a gente consegue emprego para ela lá.”



Dona Cinira com
16 anos. (1941)

Minha mãe me chamou e perguntou se era de minha vontade ir embora para São Paulo. Eu não tinha fonte de renda e mais do que depressa resolvi arrumar minhas coisas e ir para lá. Naquele tempo nem precisava ser formado em nada para trabalhar e, logo que cheguei, virei auxiliar de enfermagem. Hoje a gente sabe que mesmo para trabalhar de servente em uma escola – para lavar banheiro – é necessário fazer um concurso, contudo na época que vivi tudo era muito diferente.

Fiquei apenas dois anos em São Paulo. Foi necessário voltar a ajudar minha mãe a criar meus irmãos. Ainda não falei, mas, depois de mim, minha mãe se casou e teve mais quinze filhos. E por incrível que pareça, eu ajudei a criar

todos eles e já sepultei os quinze também! Hoje, só eu estou viva, mesmo sendo a mais velha da família. Além de ser difícil cuidar de uma família tão grande, para piorar, minha mãe teve uma infecção na perna. Ela tinha umas varizes grandes, foi tentar secar e, como não se tinha cuidado com nada, nem remédio direito, pegou uma infecção e ficou muito tempo na cama com toda aquela criançada. Resolvi, então, voltar para São Luiz e ajudar minha mãe com meus irmãos. Era uma época difícil. Éramos bastante gente e a diferença [de idade] entre um e outro era muito pequena. Muitos acabaram morrendo por falta de recurso: não tinha vacina como as crianças têm hoje.

Minha família me deixou muitas marcas e minha ligação sempre foi muito forte com todos. Estive presente na vida de todos os meus irmãos: os que morreram jovens, os que cresceram; e mesmo depois de casada ainda levei para morar em minha casa duas irmãs solteiras e minha mãe. Já dá para perceber como tive um marido bom, que nunca se opôs a isso... E tudo isso que fiz para minha família também não foi nada demais. A minha mãe sempre me educou de maneira brava, severa, no sistema antigo, e fazer esse tipo de coisa passou a ser uma obrigação e não um sacrifício. Eu não sinto falta alguma de maior educação do que a que eu tive.

Essa fase de minha vida faz lembrar uma São Luiz do Paraitinga muito diferente. Uma cidade muito forte nas festas, na questão da cultura popular, mas com muita dificuldade para as pessoas. Não existia, por exemplo, nenhuma estrada boa. Tudo era de terra. A cidade não tinha nenhum calçamento. Lembro-me bem de um tempo em que a luz era muito ruim, ela vinha de uma usina pequena, localizada no bairro da Fábrica. Foi um prefeito antigo – que não era natural daqui de São Luiz – quem comprou este maquinário

vindo da Alemanha e que permitia uma “luzinha” que chamávamos de “tomate pendurado”.



Praça Dr Oswaldo Cruz na década de 1940.

Lógico que com o tempo as coisas foram melhorando muito, porém nessa época mesmo São Paulo era muito diferente, não tinha quase nada lá ainda. O transporte era só por bonde. Existia uma linha de ônibus que saía da praça da Sé, do centro da capital, e passava por São Luiz. Quanto ao ônibus, era da empresa Santo Antônio e tinha uma dificuldade tão grande para fazer o seu percurso! Muito diferente de hoje em dia, principalmente em tempo de chuva, quando era praticamente impossível chegar a Ubatuba. Assim, quando o tempo estava ruim, vinha um ônibus pequenininho. Em tempo de seca, era até possível um ônibus maior, mas era uma aventura qualquer viagem nessa época. Aqui, em São Luiz, tinha uma “jardineira” muito falada, quase caída aos pedaços, mas foi nela que, quando criança, viajei

junto de minha mãe para Minas Gerais visitar um tio que estava morando lá. Até pela dificuldade nunca esquecemos essas coisas, sabe...



A jardineira que fazia a linha São Luiz-Taubaté. Década de 1940.

Ser criança nesse tempo era muito diferente, não tínhamos essa liberdade que toda a criança tem nos dias de hoje. Quase nunca se podia sair de casa. Hoje, qualquer criança pode sair na rua e brincar, passear de bicicleta, pegar um cavalo e ir em outro lugar sem estar acompanhado. No meu tempo, isso não acontecia de jeito nenhum! A nossa brincadeira era apenas na rua da gente, e cada rua formava um grupo de pessoas que praticamente não se misturavam com outras. A rua em que eu morava – a mesma rua de hoje em dia, só que bastante diferente – era habitada, sobretudo, por pessoas de idade, o que fazia mais difícil ainda as nossas brincadeiras. De qualquer forma, os vizinhos faziam praticamente parte de nossas famílias – e trazem muitas lembranças. O vizinho da esquerda, hoje, ainda é o Guido

Castro; e mostrando como as histórias – principalmente em lugares pequenos – são ligadas umas às outras, era justamente a mãe dele quem me amamentava. Assim como aqui em casa, tanto o Guido como seus irmãos nasceram nessa casa onde ele ainda vive. Lembro muito bem de que uma vez, quando nasceu um punhado de cachorrinhos no quintal desses vizinhos – o que separava a casa da gente era apenas uma cerca de taquara, de bambu –, a senhora que me amamentava passou um dos cachorrinhos pelo buraco da cerca para a minha mão. Nunca vou esquecer desse dia! Nossas maiores alegrias aconteciam em momentos simples como esse.

Logo aqui, do lado, também, onde já residia a família da Dona Júlia Maia, vivia uma família de descendentes de franceses, os Murat. Os donos da casa eram o casal Mariquinha Murat e Benedito Murat. Este era um especialista em tirar goteiras em uma cidade onde as telhas coloniais dificultam bastante esse serviço. Eles tinham uma filha doente chamada Maria e uma outra ainda viva, morando em Taubaté, chamada Cecília. Logo ao lado, uma outra casa pertencia a esta família. Hoje, dividiu-se em duas propriedades: a casa do Anésio Paiva e um salão de cabeleireira. Na época, Nhá Luiza Murat e seu marido, Luiz Murat, eram os moradores. Tendo vindo da França, Seu Luiz Murat era o mais velho e veio parar em São Luiz como técnico de tecidos da fábrica que aqui existia. Casou por aqui e não mais saiu. Frequentávamos bastante a sua casa.

Nhá Luiza Murat tinha uma neta da minha idade, a Carminha, que foi muito minha amiga. Eles foram embora para Taubaté e não voltaram mais, como muita gente da minha infância. Mas a Carminha era minha companheira de brincadeira, quando minha avó, como de costume, ia de noite conversar com Nhá Luiza. Era a hora das conversas,

das histórias dos adultos e das brincadeiras das crianças. Entretanto não era permitido sair, andar pela rua: era tudo sob os olhos dos familiares mais velhos. Enquanto os adultos ficavam sentados à mesa, conversando, eu e Carminha passávamos horas sentadas sobre um estrado com um baralho velho, jogando “burro”, “bisca”, esses jogos de cartas.

Quando a noite estava mais quente, e, principalmente, quando a lua permitisse um céu mais claro – já que a iluminação era muito precária –, quase todo mundo saía com as cadeiras na calçada e ficava batendo papo. Nesses dias acontecia algumas vezes de alguns amigos de outras ruas fazerem visitas aos seus conhecidos. Em nossa casa, uma dessas visitas era a da Dona Judith, mãe do Dr. Dirceu Ivo, que vinha conversar com minha avó e trazia sempre suas crianças, como a Edith. Como não acontecia muita coisa diferente em nosso dia a dia, essas visitas eram momentos muito especiais.

Nesses dias em que os velhos estavam pelas calçadas, podíamos ficar brincando na rua em frente a nossas casas. E ficávamos à vontade, afinal, não tinha [movimento de] carro nessa época. Durante o dia era até comum passarem tropas, carros de boi, mas durante a noite isso nunca acontecia. Esses, então, eram os dias mais esperados pela criançada, e brincadeiras como passar anel e pega-pega ocupavam todo o tempo que nos era permitido. Falo isso porque dez horas era o horário máximo para ficar pela rua. Quando se aproximava das dez da noite, os amigos iam embora para casa e nós entrávamos e já devíamos nos acomodar, pois não se podia ficar até tarde pela rua.

Desobediência, praticamente nunca existia. A educação era muito rígida e aprendíamos as coisas dentro de nossas próprias casas. Quase ninguém estudava. Quantas vezes minha mãe colocava um banquinho perto da máquina

de costura dela e me ensinava como costurar. Era necessário aprender essas coisas, ser “prendada”, do contrário não se casava nesse tempo... Falando da costura, nessa época não existia toda esta variedade de linhas que encontramos hoje. Eram apenas duas as opções para costura: a linha Corrente e a linha de carretel. Mamãe sempre comprava um carretel de linha grossa, número 24, colocava uma agulhinha de crochê em minha mão e, enquanto costurava em sua máquina, eu tinha de fazer correntinhas de crochê. Passava horas fazendo estas correntinhas e quando juntava um monte imenso perto da máquina, e terminava o carretel de linha, ela me dizia: “Agora, Nira, você vai desmanchar tudo e aprender a fazer ‘buraquinho’”. E eu pensava: “Que coisa, não!”

Mas foi assim que aprendi praticamente tudo o que eu sei. Sempre trabalhei com artesanato e muita coisa que faço é resultado desses momentos. Uma das únicas tarefas que minha mãe fazia e eu não consigo fazer é bordado a máquina. Assim mesmo, tenho uma certa noção. Sei pregar uma renda ou outra coisa do tipo.



Dona Cinira fazendo máscara. (Década de 1980)

Muitas pessoas, principalmente de fora de São Luiz, têm muita curiosidade em saber como aprendi fazer máscaras, bonecões, bandeiras do Divino. E tudo isso foi uma coisa muito natural. A gente, desde pequeno, viveu no meio desta cultura, ajudando em várias coisas, participando e aprendendo naturalmente. Se hoje ainda a cultura é muito forte em São Luiz, quando era pequena isso era muito, muito forte mesmo!

Quando meu genro – casado com minha filha Parê – Luiz Egypto fez um trabalho muito bonito, premiado, para uma revista que distribuem até em avião, ele veio aqui me procurar. A reportagem chamava “Beneditos caipiras” e falava de nossa cultura, nossos costumes, e era muito interessante esta reportagem. A foto da capa era da Dona Benedita, uma benzedeira lá de Lagoinha e que eu admiro muito. Mas ele queria saber alguma história de anjo. Mesmo sendo uma pessoa muito inteligente, professor da PUC-SP, quem sabe dessas coisas somos nós, daqui de São Luiz, e não pessoas de longe. Eu contei para ele uma história que aconteceu comigo mesmo, e começou com um desafio de minha mãe: “Nira, você precisa parar de chupar chupeta! Eu sei que você vê toda a criançada sair na procissão e você quer muito sair de anjo também. Se você largar da chupeta, eu faço uma roupa de anjo para você, ‘tá’ bom?”

Eu coloquei a chupeta em cima da máquina de costura e nunca mais peguei nela. Minha mãe, cumprindo a promessa, fez minha roupa de anjo: uma camisola cor-de-rosa, cheio de estrelinhas. O senhor Dito Ramos era um dos comandantes das tropas nesse tempo e foi para ele que minha mãe encomendou uma caixinha cheia de estrelinhas para enfeitar essa minha roupa. Para ter uma ideia de como aproveitávamos as coisas, pela dificuldade mesmo de conseguir artigos de todos os tipos, essas estrelinhas eram as

mesmas que o pessoal colocava em caixão de defunto. Mas, de qualquer forma, eram muito bonitinhos e ficávamos muito contentes com essas coisas. Hoje, tem uma fartura de coisas. Aquela rua 25 de Março de São Paulo tem de tudo, porém acho que é muito mais difícil deixar as pessoas contentes. Antigamente, qualquer coisa representava muito para a gente.



Primeira Comunhão de
Dona Cinira, c. 1935.

A partir daí, saía em todas as procissões com aquela camisola cor-de-rosa, durante muitos anos. A camisola estava no meio da perna e eu estava lá, saindo de anjo! E sair numa procissão não era pouca coisa para a gente. Tanto as

festas como as procissões eram muito importantes para todas as pessoas. Até para nós, que ainda éramos crianças, nunca a festa teve o sentido de “bater perna” como para os jovens de hoje em dia. Nossos pais deixavam muito claro a importância delas. Lógico que aproveitávamos essas ocasiões para sair um pouco daquela rotina. Eu adorava a Sexta-feira Santa e aquela procissão solene do enterro, que só terminava lá pelas duas horas da madrugada. A cerimônia do “beijamento de Nosso Senhor” era um verdadeiro ritual. Além do que, eu sempre ganhava um vestido novo para poder ir à missa nas principais festas. Minha crisma, minha primeira comunhão, foram momentos aguardados por meses – afinal, era tão pouca coisa diferente que acontecia na vida da gente...

Parece engraçado, mas é apenas quando a gente se aproxima dos oitenta anos que nós vamos lembrando, aos poucos, mais detalhes de nossa infância, de nossa vida como um todo. Tenho saúde muito boa e sou hoje muito bem vivida. Embora não crie nenhum neto, sempre dei muita força e tenho visto eles crescendo pouco a pouco. Hoje já estão quase todos moços e percebo – ao lembrar de minha infância ou ver eles crescendo na vida – como é preciso estar nos adaptando com tudo o que for acontecendo no mundo. São Luiz, quando eu era mocinha, era outra cidade, muito diferente de hoje, e acho não existir uma época melhor ou pior que a outra a não ser que não aprendemos a nos adaptar a cada momento de nossas vidas.

Seção extra: Música para lembrar

Minha Cidade (Elpídio dos Santos)

*Minha cidade formosa
Pequena e gostosa da gente viver
Ao romper a madrugada canta a passarada
Ao sol quando está pra nascer*

*Da minha casa modesta
em domingo de festa eu fico à janela
Ouvindo com alegria
A Ave Maria que vem da capela*

*São Luiz, cidadezinha que encanta e seduz
Minha terra é o berço natal
Do grande imortal
Oswaldo Cruz*

*Ai, ai, ai minha cidade
É uma eterna canção
Minha terra, meu berço natal
Que trago imortal no coração*

*Lá da pracinha da igreja
Sem que ninguém veja
Fico a observar*

*Quanta morena bonita,
vestida de chita
Enfeitando aquele lugar*

*Uma bandinha tocando,
casais passeando
Num jardim em flor*

*E os namorados sentados
em bancos
Trocando palavras de amor*



Cinira Pereira dos Santos: uma mulher iluminada

2. Sinfonia a dois: Vida e parceria ao lado de Elpídio dos Santos



Elpídio, Cinira, D. Benedita Auta de Toledo (mãe de Elpídio) e Regina, a filha mais velha do casal.

“[...] não pude me queixar de nada depois que casamos. Era um marido sério, responsável e trabalhador. Elpídio deixou uma lição com sua paixão com a música: devemos fazer de tudo um pouco e se dedicar àquilo de que gostamos, mesmo que não seja apenas com ideia de ganhar dinheiro.”

Meu marido, Elpídio dos Santos, foi um grande músico e compositor, mas, acima de tudo, um grande pai e marido. Nunca tive absolutamente nada para reclamar dele. Em toda época em que vivemos juntos, foram sempre momentos de grande felicidade – tanto para mim como para ele – que dominaram. Mesmo tendo morrido em setembro de 1970, Elpídio dos Santos, seja pela sua obra ou pelo exemplo que deixou, continua muito presente em minha vida, na de meus filhos, netos, e dos luizenses como um todo.

Elpídio era dezessete anos mais velho que eu e orgulhava-se em me dizer: “Sabe, Nira, eu me lembro perfeitamente quando você nasceu!”



Elpídio dos Santos e seu instrumento predileto. década de 1950.

Bem perto aqui de casa – onde hoje é a casa do seu Geraldo Campos – existia um cinema e ainda estávamos na época do cinema mudo. Neste cinema, a música ao vivo fazia

parte do espetáculo e interagia com as imagens dos filmes. O pai de Elpídio – mostrando a tradição musical de sua família – já possuía uma orquestra formada por filhos, parentes que sempre tocavam neste cinema. Elpídio falava que, como frequentava sempre aquele local, escutou falar do meu nascimento e me viu crescer.

Elpídio nasceu em 14 de janeiro de 1909, em uma família, como se percebe, repleta de músicos e artistas. Seus doze irmãos trabalhavam com artes. Sua mãe chamava-se Benedita Auta de Toledo e seu pai, principal responsável pela música na família, Benedicto Philadelfo Pereira dos Santos, conhecido por todos como Mestre Alves. Regente também da banda de Santa Cecília, onde Elpídio cresceu participando dos ensaios, Mestre Alves, sabendo das potencialidades deste filho, ensinou-lhe vários instrumentos musicais para que pudesse suprir as ausências de integrantes nas apresentações da banda. O resultado dessa tarefa que seu pai tanto insistiu foi que meu marido tocava “apenas” 22 instrumentos!



Banda Santa Cecília no início do século XX. Mestre Alves, pai de Elpídio, 1º à esquerda. Elpídio 8º da esquerda pra direita. Acervo Dona Cinira.

Elpídio contava que seu pai foi sempre muito exigente com ele: “Olha, Elpídio, agora você vai aprender a tocar a escala deste instrumento”. Quando via que Elpídio havia aprendido, já passava uma nova tarefa: “Olha, não vai parar por aí não...vai ter que continuar!”

Isso foi muito positivo para aquele compositor de qualidade que Elpídio se transformou com o tempo. Adquiriu muitos conhecimentos musicais e escreveu, inclusive, dobrados para bandas que até hoje são tocados, como por exemplo, em nossa tradicional Corporação Musical São Luiz de Toloza. E ele não escrevia simplesmente a música, ele escrevia a partitura para todos os instrumentos existentes na banda.

Mesmo tendo estudado música em escolas especializadas em São Paulo, Elpídio era muito talentoso por natureza. Acredito que se tenha faltado alguma coisa de música para Elpídio foram apenas detalhes. Seu instrumento principal era o violão, mas ele tocava até harpa. Tocava órgão na igreja, vários tipos de instrumentos de sopro nos bailes, e compôs mais de mil músicas. Fez tudo isso mesmo escutando só de um ouvido! Ele teve uma meningite quando tinha 34 anos e perdeu toda audição de um ouvido. Sinceralmente, acho que passou tudo para o outro lado! Íamos frequentemente ao Teatro Municipal, em São Paulo, assistir a uma banda chamada “Capitão Padre”. Não me recordo o regente, mas não esqueço da percepção do Elpídio frente àqueles 120 instrumentos: “Nira, tal instrumento deu uma desafinada!”

Era realmente incrível! Percebia facilmente qualquer coisa. O único detalhe é que mesmo com toda essa capacidade, só a música não sustentava nossa casa. Afinal, casamos e tivemos sete filhos. Talvez a única queixa que posso ter da época do convívio com Elpídio é [a de] uma certa falta

de dinheiro. Nada muito grave, pois Elpídio trabalhava como bancário, além da música, e eu sempre ganhei algum dinheiro com minhas artes também. Graças a Deus, sempre ganhamos o suficiente para a gente viver.

Minha época de namoro foi como a de todos da minha geração. Era um verdadeiro “Deus nos acuda” para poder namorar. Mesmo assim, arranjávamos sempre um jeitinho. Como sempre trabalhei fora, conseguia dar algumas escapadas, mas eram sempre muito curtas, nunca se ficava à vontade. Talvez esteja aí a explicação por que nessa época éramos muito mais apaixonados do que hoje.

Elpídio era danado de namorador! Ele demorou bastante tempo para casar. Já tinha 41 anos quando nos casamos, em 1953. Ele dizia assim: “Escuta bem, Nira, a hora em que eu decidir casar não é para levar em brincadeira as coisas, hein?!”

E, de fato, não pude me queixar de nada depois que casamos. Era um marido sério, responsável e trabalhador. Elpídio deixou uma lição com sua paixão com a música: devemos fazer de tudo um pouco e se dedicar àquilo de que gostamos, mesmo que não seja apenas com ideia de ganhar dinheiro. A necessidade me obrigou a fazer muitas coisas: fui auxiliar de enfermagem, cabeleireira, costurava e passei também muito tempo de minha vida ajudando nas festas de São Luiz apenas por gosto e pela fé. E nessas coisas, o que recebemos em troca é sempre muito mais prazeroso que qualquer dinheiro.

Logo depois que tive meus dois primeiros filhos, Elpídio foi transferido pelo Banco do Vale do Paraíba, o qual havia ajudado a fundar em São Luiz do Paraitinga, para uma agência na cidade de São Paulo. Como precisávamos do emprego, mudamos para a capital e lá tivemos nossos outros cinco filhos. Infelizmente, hoje são apenas seis, já que o Pio,

Elpídio dos Santos Filho, faleceu muito jovem. Embora gostássemos muito de São Luiz, ir para São Paulo foi muito importante para a carreira de Elpídio, pois foi lá que ele pôde estudar mais música, conhecer muitos músicos de qualidade e reencontrar seu parceiro Amacio Mazzaropi.

Elpídio conheceu Mazzaropi quando este ainda dava seus primeiros passos na carreira, em uma história muito interessante acontecida em São Luiz do Paraitinga. Nascido em São Paulo, ainda muito jovem Mazzaropi veio morar em Taubaté. Cresceu aqui no Vale do Paraíba e trabalhava em uma fábrica, a CTI [Companhia Taubaté Industrial]. Já em seu trabalho, muito engraçado e brincalhão, seus companheiros sempre lhe diziam: “Mazzaropi, você é bobo! Está perdendo tempo aqui na fábrica! Vai trabalhar em um circo”.

Não se pode esquecer que, nessa época, o circo era uma atividade que exercia influência em todas as pessoas, e era juntamente com o cinema o principal programa da moçada. Mazzaropi, atendendo ao apelo dos colegas, juntou todas suas economias e adquiriu um circo. E como São Luiz é muito próximo de Taubaté, veio aqui se apresentar.

O circo de Mazzaropi era o chamado “circo quadrado”, também conhecido como “pavilhão”. Possuía uma lona, como um circo que estamos acostumados a ver, mas sua característica principal era um formato diferente. Em sua vinda para São Luiz teve de enfrentar um duro contratempo: uma temporada contínua de chuvas não permitia que Mazzaropi se apresentasse, ou mesmo quando marcava apresentação, não aparecia público suficiente. Seu dinheiro era muito curto, tinha investido tudo que tinha no circo, e já estava praticamente passando necessidades, impossibilidade de ir embora.

Elpídio, mesmo nunca tendo gostado de bebidas, adorava ficar pela rua, passar pelos bares, sair durante a noite

para conversar e tocar com os amigos. Em uma dessas saídas, descobriu a situação complicada daquele ainda desconhecido Mazzaropi pelas palavras de um amigo: “Elpídio, você já viu um homem que está dando espetáculo aí? Ele está ruim porque não ‘dá casa’. O cirquinho dele não é dos muito bons. A lona ‘tá’ furada, ‘tá’ essa chuva, ele não tem dinheiro para pagar música. Olha, ‘tá’ difícil a situação do rapaz!”

Elpídio foi sempre uma pessoa muito simples, humilde mesmo. Mesmo depois de um certo reconhecimento, nunca mudou. E logo que ficou sabendo, foi até o circo ver qual era a situação daquele artista. Impressionado com as dificuldades, tratou rapidamente de ajudar: “Mazzaropi, você pode ficar tranquilo. Pode sair anunciando seu espetáculo que eu venho tocar de graça para você; e meus irmãos, comprometo-me em trazê-los também”.

Saiu pela cidade e facilmente levou vários músicos para tocar no circo. O público começou a aparecer, e logo que levantou um dinheiro Mazzaropi seguiu viagem, extremamente grato àquele ato de Elpídio. Ainda nem era casada quando isso aconteceu, mas pouco tempo depois já começamos a escutar o “Mazza” na rádio Tupi, em São Paulo, e sua carreira foi crescendo de forma muito rápida.

Quando Elpídio foi transferido pelo banco para São Paulo, ele logo lembrou das palavras de agradecimento do Mazzaropi, naquela ocasião, em São Luiz: “Elpídio, você é muito talentoso. Precisa ir para São Paulo. Eu já tenho vários contatos lá, mas com você em São Luiz não posso fazer muita coisa para te retribuir”.

O encontro deles em São Paulo foi de uma alegria muito grande para ambos. Mazzaropi já estava gravando o filme “A carrocinha” e falou para o Elpídio que este não podia ter chegado em hora melhor. Tratou de contar toda a

história daquele filme e pediu que Elpídio fizesse a primeira das 26 composições, temas de seus filmes. Era o início de uma grande parceria.

Elpídio não só fez a música como participou do filme como figurante. Logo em seguida, Mazzaropi começou a produzir seus próprios filmes e Elpídio passou a participar de forma mais ativa ainda nesses trabalhos. Enquanto Elpídio foi vivo, nenhum outro compositor teve mais música tocada pelos filmes do Mazzaropi do que ele. Como muitos filmes foram gravados em Taubaté e aqui, em São Luiz, Elpídio levava conhecidos – como o também músico Afonso Pinto – para participar das gravações.



Elpídio no canto esquerdo e Mazzaropi no centro. Lançamento de filme em São Paulo, no cinema “Arte Palácio”, na Av São João, década de 1960.

Mazzaropi foi muito mais que um parceiro de profissão. Ele se transformou em um amigo pessoal de nossa família. Gostava de conversar bastante e de contar todos os

seus projetos. Era muito sozinho. Filho único, nunca se casou. Lembro de quantas vezes nos confiava segredos de sua situação financeira – cada vez melhor. Orgulho-me de ter visto o “Mazza” sair daquele pobre cirquinho e virar esse Mazzaropi que todos conhecem por aí. Ele nunca deixou o sucesso subir em sua cabeça. Apoiou-nos em todos os momentos, como no próprio enterro do Elpídio, em 1970. Confesso que sofri muito quando Mazzaropi morreu e seus familiares brigaram como nunca por sua herança. Acho que era tudo o que o Mazzaropi nunca gostaria de ver.

Além da possibilidade do reencontro com Mazzaropi, nossa vida em São Paulo teve muitos outros aspectos positivos. Sempre fui uma pessoa que busquei me adaptar às coisas, e quando Elpídio foi transferido poderia parecer o fim do mundo. Acostumados a viver em São Luiz do Paraitinga, tivemos de enfrentar uma nova realidade, e, hoje, posso dizer que vencemos. Elpídio cresceu na música. Conseguimos comprar um apartamento que mantengo até hoje. Conseguí sua aposentadoria cuja pensão me ajudou durante toda a vida. Enfim, são experiências que marcam a gente.

Logo que chegamos a São Paulo, moramos no bairro do Tremembé, perto da Serra da Cantareira. Passado pouco tempo, abriu inscrição no Instituto dos Bancários – chamado, na época, IAPB [Instituto de Aposentadoria e Pensões dos Bancários] – para comprar de maneira facilitada apartamentos em prédios exclusivos para estes profissionais. Havia um prédio grande, na avenida Nove de Julho, e outro, na Vila Mariana. Era, entretanto, muito difícil conseguir um desses apartamentos. Um amigo nosso, chamado Ivo, que já morava num desses prédios, foi quem nos ajudou bastante em como providenciar a documentação, mas acredito ter sido aquele carisma do Elpídio o principal responsável por termos conseguido o nosso.

Todo mundo dava um jeito de ajudar, de torcer, pedir para certa pessoa. Até que finalmente conseguimos nosso apartamento lá na rua Santa Cruz, na Vila Mariana. O apartamento era facilitado para se pagar em vinte anos, baseado em uma tabela financeira chamada “tabela price”. Depois de nove anos que moramos lá, Elpídio se aposentou e voltamos para São Luiz. Quando meu marido morreu, ainda faltava um certo tempo para pagar o apartamento e achei que ia perdê-lo, mas o Instituto dos Bancários o quitou para mim. Acabei assim ganhando um apartamento muito bom, antigo, mas muito grande, e este era um tempo de fartura em todos os aspectos. Além de guardar nossas lembranças em São Paulo, este apartamento já foi “república” dos filhos, do Grupo Paranga, e hoje é dos netos; ou seja, tem muita história para contar.

Quando Elpídio ainda vivia em São Paulo, nosso apartamento era frequentemente repleto de amigos, quase todos músicos. Um destes foi o grande responsável por Elpídio ter feito sua faculdade de música. Chamava-se professor Francisco Gomes. Ele tocava flauta e, desde que conheceu Elpídio, ficou apaixonado por suas músicas. Todo sábado, caso não saíssemos, logo de manhã estava lá o professor Gomes batendo à porta e insistindo com Elpídio: “Elpídio, mas você não tem um diploma?! Com todo esse dom?! Você vai ter que estudar! Coisa que não vai ser difícil para você, e assim você pega um diploma. Para um grande músico isso vai ser fácil; e pode ainda servir para o seu currículo, para sua vida!”

Professor Gomes dava aulas em uma escola de música muito conhecida, propriedade do capitão João Julião, e até uma bolsa de estudos arrumou para o Elpídio. E ele estudou muito. Mostrando seu gosto pela música, superou muitas dificuldades, terminando tanto o curso de violão como o de canto orfeônico – junto com a profissão de bancário e os sete

filhos para criar. Muito sobrecarregado, não foram poucos os momentos em que Elpídio pensou em desistir.

Sua rotina começava logo cedo no banco, estudava na parte da tarde na faculdade e ainda dava aulas de violão num SESC, em Santana. Um pai muito atencioso, arrumava tempo para dar atenção para todos os filhos. Certo dia, não aguentou! Foi até a faculdade, procurou o capitão e também maestro João Julião, contou sua história e falou que ia deixar a bolsa para outra pessoa com mais tempo disponível. O maestro, que admirava muito ele, foi enfático: “De forma alguma! Não, senhor Elpídio! Você é de uma terra de músicos e a representa muito bem!”

O próprio maestro era daqui do Vale do Paraíba, especificamente de Areias, e não deixou o Elpídio sair de maneira nenhuma. Facilitou os horários no que pôde e, por fim, Elpídio concluiu todos os cursos. Este maestro era discípulo do famoso Villa-Lobos e se ele gostava tanto assim do Elpídio, podemos ter certeza que não sou eu quem está exagerando.

Sua habilitação, realmente, foi de grande valia, passando a dar muitas aulas de música e reforçando o orçamento de nossa casa. Passou também a ser mais conhecido e suas composições foram sendo gravadas por cantores famosos, tocando nas principais rádios da época. Cascatinha e Inhana, Dircinha Costa, Elza Laranjeira eram artistas de renome neste momento da música brasileira, e todos gravaram Elpídio dos Santos. A única e importante diferença está em que neste momento era preciso ser muito bom músico para ser famoso e quase nunca se ganhava dinheiro. Hoje, ao contrário, é preciso ter muito dinheiro para ser famoso e nem é necessário ser bom músico.

Mas Elpídio nunca tinha o dinheiro como objetivo e esse foi um dos motivos pelo qual sempre vou poder me orgulhar dele. Mesmo com a carreira crescendo em São

Paulo, ele se aposentou do banco por volta de 1965 e decidiu, rapidamente, voltar para São Luiz. Afinal, era essa a nossa verdadeira terra. Nossa cidade é muito melhor para criar os filhos, permitindo que eles participem dessas tantas festas populares que fazemos até hoje. Além do que, já naquela época era muito mais barato criar os filhos em São Luiz ante São Paulo.



Fêgo Camargo, Elpídio dos Santos e João Roman Júnior, década de 1960.

Tenho a impressão de que a volta para nossa terra permitiu ainda mais inspiração para Elpídio. Ao pensar que em 3 de setembro de 1970 ele morre de forma repentina, é difícil acreditar como conseguiu fazer tanta coisa nesse tempo entre sua aposentadoria e sua morte. Logo nos primeiros dias de volta a São Luiz, recebemos visita dos diretores das

escolas locais contratando Elpídio como professor de música. Não se pode esquecer que neste momento a música era disciplina obrigatória para todos alunos durante o ginásio. Logo em seguida, passou a lecionar também no conservatório musical Fêgo Camargo, de Taubaté, uma escola de muita qualidade ainda hoje, fundada pelo pai da apresentadora Hebe Camargo, um renomado músico da época.

Quanto à sua parceria com Mazzaropi, ela continuava constante, mesmo com os dois a distância. “Mazza” apenas ligava ou nos visitava algumas vezes e encomendava as músicas conforme os temas de seus filmes. Aqui, na região, Elpídio sempre fazia seus shows. Em Guaratinguetá, ele se apresentava junto com Dilermando Reis, e este músico dispensa comentários. Animaram juntos muitos bailes de Carnaval. Em São José dos Campos, fazia dupla com outro grande violonista chamado Muricy. Isso sem falar nas apresentações aqui, em São Luiz, que de tão frequentes, nem há como relatar...



Banda tradicional dos bailes luizenenses, integrada por membros da família de Elpídio dos Santos, década de 1940.

Elpídio até reclamava deste certo sucesso, achava que estava regredindo em sua técnica como instrumentista. Sua base de formação era a música clássica, e seja pela necessidade financeira de ter que dar aulas, ou mesmo pela divulgação cada vez maior de sua obra por nomes como Mazzaropi ou Cascatinha e Inhana, suas composições populares ganhavam cada vez mais destaque e precisava dedicar-se ao ramo popular prioritariamente.

Nossa casa em São Luiz, fruto dessa vida agitada que levávamos, continuou frequentada a todo o momento por artistas e amigos. O Sargento Monteiro foi uma dessas pessoas que mais marcaram nossa história. Muito amigo do Elpídio, não saía de casa, e até hoje o consideramos membro da família. O detalhe é que já deve estar ocupando, no mínimo, o cargo de tenente, mas, aqui em casa, nossos amigos não têm direito à hierarquia. Ele é Sargento Monteiro da mesma forma como trabalhava como sargento da polícia em São Luiz, contemporaneamente à vida do Elpídio.

Hoje minha casa não para de receber músicos e pesquisadores de diversas áreas atrás das músicas do Elpídio. Como de costume em nosso país, depois que Elpídio morreu tornou-se ainda mais reconhecido e acabei ficando responsável por fazer negociações com compositores para gravar músicas dele e contar a própria história de sua vida para essas tantas pessoas interessadas. Elpídio já tocou até em novela da Rede Globo – “O rei do gado” – na voz de Almir Sater e Sérgio Reis. De vez em quando, acho que sei mais da vida dele que da minha...

Mas isso não é por acaso. Elpídio possuía uma preocupação incrível em arquivar tudo o que fazia. Descobrir sua vida é muito fácil. Foi mais uma marca que deixou para todos nós e, hoje, continuo guardando todas as suas coisas, pois ele tinha um carinho tão grande pelas coisas que fazia!

Todas as suas músicas, pinturas, poesias eram cuidadosamente arquivadas, assinadas e datadas. Minha família já possuía uma preocupação semelhante. Meu padrinho português, dono do hotel no qual eu trabalhava, não desperdiçava coisa alguma, em qualquer hipótese! Chegava um amigo e perguntava: “Seu Ferreira, o senhor tem um prego sobrando? O senhor tem alguns parafusos por aí?” Aí ele dizia: “Olha, a gente precisa guardar o que não presta para ter o que precisa!”

Todas essas pessoas são professores da gente. Talvez a lição mais forte que meu marido tenha me deixado, e que precisei usar muito para criar meus filhos, tenha sido a força da persistência. Qualquer que fosse o intervalo, era momento para Elpídio trabalhar e se dedicar aos seus anseios. Lembro-me muito bem de quando Elpídio estava nos bondes lá de São Paulo, voltando de Jabaquara – onde morava outro grande amigo, o comadre Pereira – utilizar pedaços de papel de jornal para fazer destes, pauta de música. Era a única forma que tinha de lidar com sua vida corrida. Logo que chegava em casa – como todas as coisas que aconteciam em sua vida – vinha logo contar: “Nira, olha a música que acabei de escrever! Fui na casa do comadre e, no bonde, já lembrei de umas coisas! Está aqui, olha...”

Elpídio tinha um móvel lá em casa com uma chave que trazia em sua cinta e ninguém mexia nele. Tudo era guardado lá. E como Elpídio era muito simples, se recebesse uma agulha de presente, esta era cuidadosamente guardada. Tudo o que ele manteve nesta peça de madeira, até hoje eu cuido da mesma forma como ele guardava – e sem distinção alguma entre um instrumento musical e um papelzinho. Tudo o que fiz enquanto Elpídio era vivo, e continuo fazendo ao preservar sua obra, representa muito pouco pelo marido [que foi] e [pelo] exemplo que deixou. Criar todos aqueles

filhos pequenos, abalada pela perda de um marido tão importante, provavelmente seria uma tarefa muito árdua, mas, por todas essas coisas, nunca nem tive tempo para pensar em reclamar das dificuldades. E hoje sei que tive muito sucesso nessa criação.

Seção extra: Música para lembrar

*Despertar do Sertão**

(Elpídio dos Santos e Pádua Muniz)

*A barulheira incessante da cascata
 Um sabiá cantando lá na mata
 O sol que arde por detrás dos verdes montes
 Unindo a terra com o céu no horizonte
 E a natureza tão alegre, tão festiva
 Num prazer ruidoso, comunicativa
 E o arvoredo com a música nos ninhos
 Formam um poema a beira do caminho
 Ai, ai, ai
 Mas como é lindo o despertar do meu sertão
 Ai, ai, ai
 Bença nha mãe, bença meu pai, bom dia irmão
 Já é manhã e as aves namoradas
 Falam de amor do alto das ramadas
 E o caboclo ligeiro deixa a palhoça
 Pega na enxada e vai cuidar da sua roça
 A caboclinha tão bonita, um coração
 Corre toda aflita cuidar da criação
 Tudo se agita em doce harmonia
 Assim no meu sertão começa um novo dia
 Ai, ai, ai...*

Clique para ouvir



* Gravada por Cascatinha e Inhana em 1955; trilha sonora do filme *Jeca e seu filho Preto*, de 1978.

Cinira Pereira dos Santos:
uma mulher iluminada

3. Os filhos e o Grupo Paranga



Dona Cinira, Elpídio e os filhos Regina e Pio,
início da década de 1960.

“Por mais que as pessoas sejam diferentes umas das outras, apenas quando você enxerga uma família há a possibilidade de perceber qual a função de nossa linhagem na história. Trago muito de minha mãe, minha avó, minha madrinha, meu marido, e deixo muito para meus filhos, netos. É uma continuação.”

Eu e Elpídio tivemos sete filhos e hoje [2005] já são dez os netos. Graças a Deus, consegui enfrentar todas dificuldades e são todos bem sucedidos em suas vidas. A filha mais velha, Regina, sempre foi professora e trabalha atualmente no Instituto Ayrton Senna, além de ser presidente do Instituto Elpídio dos Santos – organização criada por nossa família e pelos amigos para ajudar na preservação de toda obra dele. O Negão – Pedro Luiz – é quem comanda, com sua esposa Renata, o Grupo Paranga, ainda nos dias de hoje. Negão tem tocado também com muitos músicos em vários lugares pelo país, levando sempre o nome de nossa família. Tanto o Pio, que já morreu, como a Parê [e Nena], além de músicos do Paranga por muito tempo são formados em Educação Artística. Parê ainda trabalha muito em São Luiz e em Taubaté, dando aulas de artes para as crianças. A Nena foi quem mais herdou o meu dom de artesanato, e voltou a morar comigo, assim como o Pauleca, meu filho mais novo. Minha filha mulher caçula é a Mariquinha e ela possui um comércio junto com o marido, e sempre está muito próxima – afinal, sua casa é bem perto [da minha]. A característica que une todos nós é uma forte ligação com a música e as artes de uma forma geral, além de um sentimento familiar muito, muito forte. Estamos sempre juntos, seja para chorar ou dar risada.

Isso me deixa muito contente, pois foi um grande desafio perder Elpídio, sempre muito cuidadoso com os filhos e com a família, de forma tão repentina. Quando ele morreu, em 1970, o Pauleca tinha apenas cinco anos. Praticamente não conheceu o pai, embora nunca damos sossego com as histórias, com as fotos, pois nós não deixamos nunca o Elpídio morrer.

Até por essa ligação e dependência quando do momento de sua morte, fiquei muito preocupada com o

futuro. Sabia que seria muito difícil a questão financeira, mas, principalmente, no campo afetivo a falta seria inestimável. “Meu Deus do céu! O que vou fazer, sem o Elpídio, com essa filharada?”

Até pensei em voltar a morar em São Paulo, mas não havia possibilidade para isso. Lá a vida é muito mais cara e os filhos mais velhos estavam em escola particular; os gastos eram muitos. Ainda quando o Elpídio era vivo, viemos passar uma festa do Divino em São Luiz, trouxemos junto a minha mãe e ela resolveu que não voltaria mais para São Paulo. Como precisava trabalhar e era ela quem me ajudava a criar os filhos, deixei o Pauleca ainda aprendendo a andar aqui em São Luiz. Em cidade pequena é sempre muito mais fácil criar os filhos, e morar aqui, posteriormente à morte de Elpídio, foi fundamental. Ele mesmo já havia feito questão de voltar embora, logo que se aposentou. Vizinhos, parentes, todos nos ajudavam. E como nossa família também sempre foi muito conhecida por aqui, naturalmente as coisas ficavam mais fáceis.

Todo aquele carisma do Elpídio fez muitas pessoas se aproximarem ainda mais da gente depois que ele partiu. Cuidar de toda a sua obra, seus objetos pessoais, permitiu que ele continuasse presente em nosso dia a dia, amenizando aquele vazio emocional. À medida que meus filhos iam crescendo, pude trabalhar cada vez mais e a arte, agora no campo do artesanato, mais uma vez uniu realização pessoal com solução de problemas financeiros. Não que fizesse artesanato para ganhar dinheiro. Em toda a minha vida fui diretamente ligada a qualquer coisa que se relacionasse com artesanato e cultura popular. Trabalhar com isso foi a possibilidade de me dedicar inteiramente a esta paixão.

Assim, estabeleci-me definitivamente em São Luiz do Paraitinga. E mesmo sendo frequente visitar ou levar meus

trabalhos para outras cidades, nunca mais penso em sair daqui. As máscaras, bonecos, vestimentas que fazia e ainda faço, permitiram nunca perder o contato com as pessoas dos grupos folclóricos e com a organização das festas populares. De outro lado, completava a pensão que recebia, pois essas coisas são uma loucura. Elpídio sempre disse que pagava sua aposentadoria sobre cinco salários mínimos, mas até hoje mal recebo um salário e meio. Os direitos autorais das músicas de meu marido sempre ajudaram também, embora nunca podemos contar com essas coisas, pois além de incertas são muito desorganizadas. Por incrível que possa parecer, não faz muito tempo recebi cobrança da OMB (Ordem dos Músicos do Brasil) de mensalidade do Elpídio!



Dona Cinira e suas Máscaras, 2003. Foto: André Guisard.

Meus irmãos, sempre que podiam, nos ajudavam, principalmente o Jairo e o Dalvo, que moravam em Ubatuba. Mas a vida de todo mundo era mais difícil. Hoje, se reclama por muito pouco. Além de ter que vestir e [dar de] comer àquelas sete bocas, nossa casa sempre foi muito cheia

de gente. E mesmo com dificuldades, nunca deixei de receber e ajudar amigos, membros dos grupos folclóricos, amigos dos filhos, qualquer pessoa que ali batesse. Quanto aos meus filhos, o tempo passou muito rápido e logo aquelas crianças – sempre muito interessadas – tinham crescido e vinham me pedir: “Mãe, a gente sabe como é difícil, mas nós queríamos fazer faculdade”.

Imagina? Como poderia colocar dois, três filhos na faculdade de uma só vez? Não era como agora, que você pega o carro, o ônibus, vai estudar e no fim do dia volta para dormir em sua casa. Era preciso viver próximo à sua escola, montar uma nova casa. Como aquele nosso apartamento estava fechado em São Paulo, e eu sabia do potencial dos meus filhos, precisei criar coragem e falei para eles da minha decisão: “Vamos abrir nosso apartamento em São Paulo. Vocês vão para lá, mas vão ter que tomar conta de vocês mesmos. Já tem umas camas lá. Nós juntamos um pouco de coisa aqui de casa e vocês vão precisar aprender a viver sozinhos, cozinhando, cuidando da casa”.

Logicamente que foram e souberam se adaptar. Nunca deixaram de sempre vir me visitar e participar das festas e manifestações aqui de São Luiz, principalmente porque para músicos como eles, nossa terra inspira e é fundamental para a pesquisa. Quem passou mais tempo em São Paulo, no nosso apartamento, foram justamente os fundadores do Grupo Paranga: meus filhos Negão, Pio, Nena e Parê, e os músicos, também de São Luiz, Galvão e Nhô. Falando a verdade, além destes, nem sei dizer quantas pessoas passaram por aquela casa. Todo mundo que precisava passar um tempo em São Paulo, morou um pouco lá.

Apesar de todas as dificuldades, nunca posso dizer ter sido uma tarefa impossível nessa fase da minha vida, sendo a maior prova o bom encaminhamento de todos os meus

filhos. Passei cada vez mais a incentivá-los com a música, pois possuíam um dom especial e toda aquela obra existente ali dentro de casa só poderia ajudar. Pode até se duvidar, mas, na minha opinião, música é herança que vem do sangue e, no nosso caso, todos aprenderam música. Elpídio tem papel fundamental nisso. O laboratório de suas músicas novas eram nossos filhos, pois passava a madrugada inteira com eles, cantando sua mais nova invenção, e era muito exigente: não podiam desafinar, não!

Acho que deu certo, pois o Paranga começou a crescer rapidamente no início dos anos 1980 e sempre foi muito elogiado pela afinação das vozes e qualidade dos arranjos. Toda aquela exigência do Elpídio mostrou-se fundamental. O teatro Lira Paulistana – infelizmente não existe mais – foi o principal palco onde o Paranga e muitos outros músicos conseguiram reconhecimento. O disco dos meus filhos, “Chora Viola, Canta Coração”, foi lançado lá e muito comentado na época.



Capa do primeiro disco do Paranga (1983). Foto: Sebastião Nascimento.

Esse sucesso na música do Paranga permitia a concretização da continuidade da obra do Elpídio e, de certa forma,

um sentimento de missão cumprida no encaminhamento que pude proporcionar. Novamente afirmei ser essa ligação existente no interior de nossa família algo muito importante para todos nós. Existe um espírito de grupo maior do que qualquer vontade individual. Talvez isso ajude a explicar por que nunca ter procurado algum trabalho que não fosse ligado às características de São Luiz do Paraitinga e de minha família.

Ajudar meus filhos, em qualquer circunstância, foi sempre meu objetivo. E mesmo sem muito conhecimento acabei fazendo as mais diversas coisas, como ter sido, no início, a empresária do Grupo Paranga. No tempo em que o Cunha Bueno era Secretário Estadual da Cultura, eu tinha uma grande amiga chamada Maria Luísa, bastante influente lá dentro da secretaria, e que muito nos ajudou. Ficamos tão amigas que, hoje, sua filha Nana, a quem conheci muito pequena, se transformou numa grande fotógrafa e sempre está aqui em casa.

Mas o papel da Maria Luísa ao incentivar o Paranga não foi apenas dentro da Secretaria da Cultura. Ela foi muito responsável pelo grupo ter adotado o repertório que o fez de destaque: a música popular e folclórica. Seja pelo meu artesanato, mas principalmente por sempre acompanhar os grupos folclóricos em apresentações fora de São Luiz, eu já frequentava constantemente a Secretaria de Cultura e acabei falando para a Maria Luísa do gosto de meus filhos pela música. Sempre que podia, ela visitava São Luiz e minha casa era parada obrigatória. Algumas vezes sua passagem coincidia com os ensaios dos meus filhos e ela passou a admirar o dom que possuíam.

Naturalmente, eles gostavam de tocar aquelas músicas que estavam fazendo sucesso no momento e, por sorte, músicas de muito boa qualidade: era o momento de

destaque de Caetano Veloso, Gilberto Gil, Milton Nascimento, Chico Buarque. Maria Luísa gostava muito dessas músicas, mas, como conhecia o tamanho da obra do Elpídio, um dia falou: “Olha, escuta uma coisa, gente. Eu não consigo entender por que vocês não divulgam a obra de seu próprio pai, tão rica, tão bonita?”

Eles pensaram bem, conversaram bastante e decidiram que deveriam, sim, gravar as músicas do Elpídio. Como eram mais jovens, de forma muito positiva escutavam muita coisa diferente e procuraram sempre fazer novas versões daquelas composições, atingindo diferentes públicos. Com o tempo, foram se dedicando e melhorando cada vez mais. O Pio, por exemplo, compôs músicas muito bonitas. Em nossa vida é sempre assim: ao fazer as coisas com vontade, elas sempre vão para a frente. Hoje, o Negão não precisa mais de minha ajuda no Paranga, embora saiba que mesmo não estando junto, nossa família é muito bem representada.

Sou muito contente por nunca ter me desligado de meus filhos. Geralmente as pessoas casam, têm filhos e sua vida segue de forma mais independente. Aqui em casa também todos foram se casando, me dando netos, vivendo em outras cidades, mas nunca nenhum deles deixou de me visitar em períodos muito longos. Mostrando o gosto por São Luiz, todos moram atualmente por aqui. O Negão, em Lagoinha – distante vinte quilômetros de minha casa – e a Regina, em Ubatuba, são os que estão mais longe.

Uma imagem que nunca vai se apagar é a da nossa família em nossa casa, participando das diversas invenções do Elpídio cujo maior intuito era, justamente, ter os filhos o mais próximo possível. Brincadeiras, mágicas, novas músicas e muita conversa foram sempre as principais marcas desta fase da vida. Pode até não parecer verdade, mas mostrando o quanto era forte o nosso hábito de conversar lá em

casa, fui casada dezessete anos e nunca, nunca mesmo, bri-guei com o Elpídio.



Harmonia em família. Dona Cinira, Elpídio, Parê, Dona Geralda (Mãe de Cinira), Regina e Pio. Acervo de Dona Cinira, início da década de 1960.

Meus filhos eram ainda muito pequenos e já participavam das principais festas da cidade. Como no meu caso, saíam muito contentes para as procissões, todos vestidos de anjo. Essas festas representam muito mais do que geralmente se imagina em nossas vidas, e acredito ter sido assim também com todos os meus filhos. À medida que foram crescendo, passaram a participar de diversas manifestações, principalmente pelas mãos de Dona Didi Andrade, sempre muito dedicada ao nosso folclore. Lembro como se fosse hoje da Parê dançando a dança do balaio, a cruzadinha, a dança de fitas. Ajudava nos detalhes, nas roupas, nos enfeites, porque o incentivo não era nem necessário: fazia parte da natureza de todos eles.

Lógico que a vida sempre coloca dificuldades. A própria fase da escola traz novos desafios e interesses, além do

que todos atravessaram a mocidade numa época em que tradições populares não são tão atrativas. Entretanto, hoje tenho certeza da missão cumprida. Estão todos aí, ficando velhos e ajudando de diversas formas na manutenção de toda nossa cultura.

Seção extra: Música para lembrar

*Bandinha do Interior**

(Elpídio dos Santos e Mário Vieira)

*Eu quero ouvir uma bandinha do interior tocar
Porque ela toca diferente
Um velho músico é preciso para executar
O xote como era antigamente
O vovô dançava com a vovó
Num passinho vai, não vai
E a mamãe enquanto estava só
Aproveitava para namorar papai*



* Gravada por Elza Laranjeira em 1954.

Cinira Pereira dos Santos: uma mulher iluminada

4. O espírito da festa



Cinira e filhos. Acima, da esq. para a dir.: Ká (Maria Alaíde), Leca (Paulo Celso), Regina; abaixo: Parê (Maria Aparecida), Negão (Pedro Luiz) e Nena (Maria Cinira), 31/10/2010. Foto: Angélica Del Nery.

“Durante toda minha vida conheci as festas de São Luiz do Paraitinga participando e ajudando na preparação delas. Meu trabalho sempre incluiu pintar máscaras, bandeiras do Divino, participar de procissões, ou seja, estar presente em todas as etapas. Assim, ‘festa’ se transformou em uma palavra muito forte em minha trajetória, seja festa de igreja ou qualquer outra forma de comemoração.”

Acredito ser privilegiada por ter vivido em um momento em que as festas folclóricas e as procissões religiosas eram muito importantes para a quase totalidade da população. Não que hoje muita gente tenha deixado de participar com a mesma devoção desses eventos, mas as variadas opções do mundo atual não permitem o mesmo destaque que essas comemorações exerciam naquele momento de nossas vidas. Ao contrário de hoje, em que as pessoas se dividem entre cinema, shows de música, teatro e internet, naquele tempo as pessoas passavam meses se preparando exclusivamente para determinadas festas, com destaque para a Festa do Divino Espírito Santo. A participação da comunidade era muito grande e a cidade ficava lotada como hoje, porém com uma diferença fundamental: as pessoas eram quase todas do município e estavam na festa exclusivamente por devoção ao Divino. De forma bastante diferente, atualmente a quantidade de turistas interessados apenas em assistir à festa é cada vez maior.

A força que o catolicismo exercia no dia a dia das pessoas era também infinitamente maior. Durante a Semana Santa, ninguém vestia roupas de cores muito fortes e quase toda a população fazia abstinência de carne. Desde a Quarta-feira Santa, o comércio já trabalhava – em respeito à religião – com apenas uma das portas abertas e, na Sexta-feira [da Paixão], ninguém trabalhava em hipótese alguma.

Todo esse respeito fazia das festas religiosas os momentos mais importantes de nossa cidade durante o ano todo. Sempre cinquenta dias depois da Páscoa, era comemorada a festa do Divino. E eu a conheço muito bem desde 1942, quando ela foi retomada após uma interrupção provocada pelos exageros do povo na distribuição de comida, do excesso de algazarra, ou seja, do desvirtuamento da fé. Além do que não se tinha padre suficiente, nossa cidade nem

status de paróquia possuía ainda. E assim a igreja, durante uns trinta anos, só realizava as celebrações religiosas sem deixar que fosse organizada a festa com todas aquelas comemorações que a caracterizam: apresentações dos grupos folclóricos, a distribuição do “afogado”, alvorada, procissão do mastro e tantas outras festividades que acontecem na rua.

O padre – que respondia pela nossa cidade e, posteriormente, ficou aqui definitivamente – era um italiano muito rígido, monsenhor Ignácio Gióia. Ele mal falava português direito e um amigo que sempre estava em nossa casa, chamado Mestre Pedro, foi quem o ajudava muito, no início, para se adaptar e se comunicar com as pessoas. Tanto isso é verdade que quando os fazendeiros se reuniram, em 1942, tornaram a insistir com Gióia para que a festa voltasse a acontecer. A festa só foi autorizada com a condição de que Mestre Pedro acompanhasse todas decisões daquele que fosse escolhido como festeiro. Com esse acordo, seu Benedito Pião Sobrinho – um comerciante de destaque – foi escolhido como festeiro. Estava assim restabelecida uma tradição que hoje já tem mais de duzentos anos só aqui em nossa cidade, e desde então não fora mais interrompida.

Mostrando como os costumes do povo não se apagam, mesmo depois de trinta anos interrompida, a festa de 1942 foi grandiosa. A folia do Divino esmolou o ano inteiro pela zona rural, arrecadando muitas prendas, e todas as pessoas que a recebiam tinham muita satisfação pelo privilégio, pois, afinal, era o Divino Espírito Santo quem entrava em suas casas.

A formação da folia do Divino era a mesma que encontramos hoje em dia: um mestre, um contramestre, o tiple e uma pessoa responsável por levar as mudanças, chamada “cargueiro”. O festeiro, com a bandeira principal da festa, sempre que possível os acompanhava. Havia também uma

pessoa que chamávamos de “esmoler”, cuja função era completar o ritual ao buscar, posteriormente, as esmolas ofertadas à bandeira. Isso era necessário porque a folia andava o ano inteiro e não teria sentido armazenar por tanto tempo as prendas. Assim, a folia saía com uma lista e, ao passar na casa dos fiéis, era marcado que prenda seria ofertada. Quando estivesse mais próximo da festa do Divino, vinha em tropas, comandadas pelo “esmoler”, recolhendo as ofertas.



Folia do Divino em peregrinação, março de 2004. Foto: Nana Vieira.

Estas ofertas eram dos mais variados tipos e ficavam armazenadas na “casa da festa”, um local especialmente montado para a estrutura da festa. Depois de separar o que seria utilizado na típica distribuição de comida à população, aquelas prendas que pudessem seriam utilizadas na barraca de leilão. Vendia-se o restante para pagar as despesas, que eram sempre muito altas. A festa do Divino sempre teve como característica a fartura, mas nessa época isso era ainda maior. Por exemplo, a barraca da festa – que fica no mesmo lugar, em nossa praça, ainda nas festas de hoje –, era

praticamente um sobrado, o dobro do tamanho de agora, com muita gente participando de quermesses e leilões.

A barraca representava muito do perfil de quem tinha mais poder na festa, já que fazia parte do costume de ela ser cuidada, em cada dia, por um determinado grupo social. Os músicos, os funcionários públicos, os agentes eclesiásticos, os fazendeiros, os comerciantes são alguns desses responsáveis por cuidarem da barraca e oferecerem um banquete à população. Como de se imaginar, sempre os grupos de mais poder econômico ficavam com a barraca nos dias principais da festa.

A comida sempre foi servida na “casa da festa”, mas, inicialmente, existia também a “casa do festeiro”, onde apenas a população local poderia também almoçar. Outra construção requisitada para a festa era uma casa – sempre em um local de destaque na cidade – onde se montava o “Império do Divino”, como hoje ainda é feito. Lá ficavam expostos os símbolos do Divino: a bandeira, a coroa, o cetro e a pomba, e todos passavam para fazer suas orações e pedidos. No domingo, a cidade ficava lotada. Todas as famílias saíam juntas para a rua. Muitos grupos folclóricos se apresentavam e a procissão, no fim da tarde, era o momento mais aguardado de toda a festa.

Assim que terminasse a missa, logo após a procissão, já começava a preparação da festa do próximo ano. O novo festeiro era apresentado para a comunidade nessa missa. Nos dias da festa, o padre pesquisava quem gostaria de ser festeiro e selecionava alguns nomes. Na missa de domingo, de manhã, sorteava o nome do novo festeiro e este, junto de sua família, já participaria da procissão e da missa. Logo em seguida a isso, o novo festeiro recebia do festeiro anterior a bandeira do Divino. Isto mostra que a festa envolve um ano de trabalho.

Existia um costume até engraçado, antigamente, que hoje já se perdeu. Na segunda-feira, após a festa, o novo festeiro precisava ir até Taubaté e trazer um caminhão de vinho para distribuir para a população. O vinho, como ia ser distribuído gratuitamente, tinha de ser sempre muito barato. Trazia vinho misturado com suco, com laranja, aqueles vinhos típicos de “dor de cabeça”. Utilizava aquela barraca ainda montada na praça e logo cedo estava servindo a bebida à vontade para toda a população.

Embora a polícia não prendesse ninguém, levava aqueles que tivessem bebido demais para o destacamento e trancava só o portão de entrada. Era engraçado passar em frente ao prédio da delegacia e ver aquele monte de bêbado junto: uns agressivos, outros engraçados, outros dormindo. Os que não eram levados para lá podiam ainda levar para casa uma garrafinha de vinho. E como a maioria tinha bebido mais do que estava acostumado, e morava na roça, andava pelas estradas, cambaleando. Falávamos, na época, que estavam todos “pengó”. Com o tempo, as coisas supérfluas foram acabando, foi diminuindo o dinheiro do povo e, consequentemente, da festa, pois a igreja, naturalmente, não concordava com esses exageros e foi tratando de cortar muitas manifestações.

O povo sempre inventa muita coisa e a igreja, toda vida, entrou em conflito com a população durante as festas. O próprio jongo nunca foi muito bem aceito pela igreja. Tanto é que praticamente desapareceu. Tenho a impressão de que até a população mais negra está sumindo das festas do Divino, porque – para quem não sabe – ela é uma festa de origem nas irmandades mais ricas, nas quais predominavam a população branca. O preconceito existente entre as pessoas era muito grande, principalmente na época do [auge da cultura do] café. Quando participamos de uma festa,

vemos muitos grupos folclóricos formados por negros, mas os grupos que comandam a festa sempre são de pessoas mais ricas e, geralmente, brancas.

Essa situação resultava em falta de apoio e contribui para o desaparecimento de muitos grupos folclóricos. São Luiz chegou a ser considerada a capital do moçambique, pois eram dezesseis companhias diferentes que se revezavam nas apresentações e, hoje, só há uma. A gente percebe que o tempo vai mudando muito as coisas. Quando eu era pequena, principalmente no bairro do Alto do Cruzeiro, ainda era muito grande o número de jongueiros: Maria “Moringa”, Álvaro, Teresa são alguns dos exemplos de praticantes desta dança. A filha dessa Teresa possuía uma voz linda.

Quase tudo o que sei sobre o jongo foi através do Mestre Pedro – o mesmo que ajudava o monsenhor Gióia –, já que sua casa ficava bem em frente a um terreno vazio onde, hoje, está funcionando a Casa da Agricultura. Era comum a roda de jongo varar a madrugada. Até mesmo em casa nós deitávamos e ainda dava para escutar os tambores batendo naquele terreno.

A história do jongo é muito rica. Ele era feito para demonstrar uma revolta que os escravos possuíam contra o seu “sinhô”. Dançando sempre em roda, faziam uma espécie de mandinga – que acredito ser direcionada contra o “sinhô” e a “sinhá”. Quando chegava a meia-noite, plantavam uma banana, invocavam São Domingos, e ali iam cantando e rezando. O incrível é que nascia uma bananeira e dava cacho. Cada pessoa que tivesse participado era, então, obrigada a comer uma banana daquele cacho. Na realidade, eu nunca cheguei a ver diretamente, mas são coisas muito fortes na cabeça dessas pessoas que participavam. Quando éramos crianças, os mais velhos sentavam e contavam essas

histórias para a gente. Assim, eu só conto hoje o que já ouvia tempos atrás.

Uma dança realmente proibida pela igreja foi o lundu. Para o povo da época, esta era uma dança como outra qualquer e ocorria sempre no interior das senzalas. E, como o jongo, era praticada quase que unicamente pelos negros. Como começaram a aparecer frequentemente escravas grávidas nas senzalas, muito se falava que esses filhos poderiam ser dos senhores das fazendas, sempre aparecendo escondidos nas festas dos negros. As “sinhás” chegaram a um ponto que não sabiam mais que providência tomar, e o lundu acabou sendo escolhido como um dos alvos. Hoje as mulheres até têm voz ativa, pedem separação, mas naquela época isso não ocorria. Tenho amigas que são netas de escravas e contam essas histórias em detalhes. Os senhores das fazendas sempre viajavam muito, saíam acompanhando as tropas para vender seus produtos, principalmente o café. Como estas expedições eram longas, ao passarem por fazendas em outras cidades, ou mesmo chegando de viagem, iam, à noite, quietinhos nas festanças dos escravos, onde as danças como o lundu eram apresentadas. O problema é que logo aparecia mais uma “negrinha” grávida. Até que certo dia uma “sinhá” procurou um padre e, explicando a situação, a igreja resolveu proibir essa dança. Nesse tempo a igreja comandava tudo o que acontecia na vida das pessoas – sempre se dizia que a voz do padre era mais importante que a do prefeito – e o lundu, rapidamente, desapareceu.

Diferentemente do lundu e do jongo, muitos outros grupos ainda se mantêm e, algumas vezes, até com menos precariedade em suas vestimentas, instrumentos musicais e objetos utilizados nas apresentações. A dificuldade financeira da população como um todo, depois da riqueza do café, se refletia nos grupos folclóricos. Hoje, a cavalcada, a folia

de Reis, a folia do Divino, estão cada vez mais estruturadas, embora o número de pessoas que participem delas tenha diminuído bastante.

Os que se mantêm são grupos formados por membros de famílias que há várias gerações estão envolvidos em sua existência. Numa época em que nem a praça existia ainda em São Luiz do Paraitinga, já ocorria a “cavalcada” nas festas do Divino e os organizadores já eram da região de Catuçaba, como ainda ocorre. E era uma época muito rica, pois São Luiz tinha os barões do café. Era considerada a terceira economia do estado [de São Paulo], a renda per capita da população era muito grande para a época e até nosso imperador Dom Pedro II passou por aqui. Certa vez, Dom Pedro estava indo para Ubatuba e pernoitou em uma fazenda, aqui de São Luiz. Na beira da estrada, ao tomar conhecimento de todas as nossas coisas, deixou um diploma para São Luiz chamando-a de “imperial cidade”. Para se ter uma ideia, não sei se no estado do Rio de Janeiro há alguma cidade com este título, mas, aqui em São Paulo, é só São Luiz.

Durante a apresentação da cavalcada, um dos participantes carregava uma bandeira com uma fita amarrada enquanto os fazendeiros ficavam na janela dos sobradões. Os cavaleiros aproximavam-se das janelas e os barões amarravam dinheiro nas fitas. Esses fazendeiros do café davam sempre as maiores prendas para as festas do Divino. Sempre escutei falar que até se disputava quem ajudava mais, e muitos deles fizeram festas grandiosas para mostrar seu poder. Para toda a população, era muito importante dar uma prenda ao Divino e isso era feito com devoção. Quando a folia visitava casa de pessoas muito pobres da zona rural, mesmo passando fome, logo que uma galinha botasse ovos, separava-se o pintinho mais bonito e o prometia ao Divino.

Daí em diante não se desfazia dele em hipótese alguma, a não ser quando fosse levado para a “casa da festa”.

Em troca, todos aguardavam a realização das promessas feitas em nome do Divino. Nos dias da festa, a devoção que se mantinha frente à bandeira exposta no império era muito forte. Sair nas procissões era um momento aguardado durante todo o ano, e quando saí de anjo pela primeira vez parecia não acreditar no que acontecia. Felizmente as procissões ainda se mantêm e embora muita coisa tenha se modificado profundamente, ainda fazemos muita coisa como antigamente.

Quando eu ainda era jovem, a igreja não estava pintada. Ela era inteiramente branca em seu interior. Dona Natália, casada com seu Joaquim, um farmacêutico mineiro, era a responsável por enfeitar toda a igreja nas épocas de festas. O enfeite – flores de papel feitas manualmente –, dava um trabalho imenso para dona Natália, e nossa maior alegria era poder ajudá-la naquela tarefa. Essas mesmas flores que aprendi a fazer na época já ensinei à minha filha Nena e agora, há poucos dias, ensinei à minha neta, Júlia.

Todos os luizenses que realmente participam de nossas festas aprenderam como eu: participando. Só assim se pode entender o que se passa nas procissões, nos grupos folclóricos. Tenho guardado em minha casa um “bastãozinho” com um “divininho” na ponta, de uma festa em que eu nem mesmo era nascida, da época do “nhô” Luiz Murat. Mas nunca nos desfazemos de nada que nos ligue ao Divino.

Seja pelo artesanato, por apoiar os grupos folclóricos, por auxiliar nas decorações do império, das bandeiras do Divino, eu nunca deixei de participar ativamente das festas de São Luiz. A mensagem de minha mãe jamais se separou de minha vida: “Fazer não ocupa lugar. Vá lá aprender com aquelas pessoas”.

Em toda minha vida ajudei muito na realização das festas e tudo que sei, hoje, transmito às pessoas que me procuram. Entretanto, é a nossa devoção o elemento mais importante quando trabalhamos pelo Divino. Toda a população luizense sempre foi muito católica e, de uns tempos para cá, podem até estar aumentando [os fiéis de] outras religiões, mas na maior parte de minha vida isso não existia. A maioria das famílias luizenas continuamente fizeram parte de irmandades. Eu, por exemplo, ainda sou membro da do Sagrado Coração de Jesus. Portanto, colaborar com as coisas da igreja sempre foi praticamente uma obrigação. E se assim não fizesse, nunca ficaria tranquila.

**Seção extra: Música para lembrar
Você vai Gostar (*Casinha Branca*)***
(Elpídio dos Santos, 1954)

*Fiz uma casinha branca
Bem no pé da serra
pra nós dois morá
Fica perto da barranca
Do rio Paraná

O lugar é uma beleza
Eu tenho certeza
Você vai gostar
Fiz uma capela
bem do lado da janela
Pra nós dois rezá

Quando for tempo de festa
Você veste o seu vestido de algodão
Quebro o meu chapéu na testa
Para arrematar as coisas no leilão

Satisfeito eu vou levar
Você de braço dado atrás da procissão
Vou com meu terno riscado
Uma flor do lado e meu chapéu na mão*



* Trilha sonora das novelas *Cabocla*, *O rei do gado*, *Pantanal*, *Paraíso* e *Meu pedacinho de chão*.

Cinira Pereira dos Santos: uma mulher iluminada

5. Memória que pulsa: a vida de Dona Cinira e o futuro da cultura popular luizense



Dona Cinira. Foto: André Guisard, 2003.

“Acompanhei, durante minha vida, a história de São Luiz e de suas festas. E enquanto tudo acontecia, vinha chegando o progresso. Todo mundo fala muito em progresso, mas, sinceramente, não sei se deve ser esse o nome adequado. Nós precisamos do progresso, porém ele sempre traz muita coisa ruim também.”

Toda nossa família sempre foi muito sentimentalista, e quando chego próximo de oitenta anos de idade, muita coisa faz lembrar a [minha] infância, meu marido, a história de São Luiz de uma forma geral. Com exceção de alguns anos em São Paulo, esta casa – onde ainda moro – foi o palco de todos os atos de minha vida e qualquer objeto traz muitas histórias. São lembranças que vêm de muito longe. Às vezes até me pergunto se não estou falando besteira. Mas acho que de acordo com o tempo, a gente envelhece e passa a lembrar de muito mais coisas do que na juventude. É comum crianças ou mesmo pesquisadores sentarem ao lado de minha cama e ficarem perguntando sobre as mais variadas coisas de São Luiz e, depois que lhes falo, fico pensando: “Nossa! Lembrei de famílias inteiras! Deus! Há pouco tempo não lembrava de nada disso e agora recordei!”

Sempre pensei muito na vida e no mundo e busquei explicação para todo tipo de coisa. Nunca gostei de dormir cedo. Tinha o hábito de fechar a casa de noite e ficar na janela da frente da casa olhando a rua até uma, duas da manhã. Eu enxergava uma outra cidade: não passava carro, não existia calçamento nas ruas. Hoje, como possuo uma boa saúde, ainda posso ficar em minha janela e enxergo outra paisagem: parece que acompanhei tudo o que aconteceu nesse intervalo. Porém, ao ser perguntada como enxergo a vida hoje, eu tenho absoluta certeza de que é a nossa vida que muda o tempo. Não adianta não querer se transformar e ficar pensando só no que já passou. Posso até me lembrar de muita coisa, mas se ficar presa só àquelas coisas, como vou viver o mundo hoje?

Acontece em minha casa e acredito que na de todo mundo: o relógio marca meia-noite e encontro com meus netos: “Vocês estão chegando, já vão dormir?” “Que é isso vó? Agora é que nós vamos sair.”

Será que brigar com eles todo dia ressolveria a situação? Lógico que não. O mundo é outro, os costumes são outros e temos de aprender a conviver com isso. É verdade que há certos exageros e fico horrorizada com muita coisa que vejo na televisão. De vez em quando vem pessoas aqui, com crianças pequenas, e reclamam muito de seus filhos, e eu fico pensando: “Deus me livre e guarde que eu não possa com meu filho!”

Antigamente se impunha um respeito muito maior entre as pessoas. A própria vida, hoje, já ensina a você ter liberdade. Se tenho um tempo para ter saudades, o tempo é esse onde todo mundo se relacionava melhor, tinha minha mãe, meu marido, os filhos pequenos. Tem horas que até brinco com meus netos: “Ei, criançada. Desde que não seja breve, não vejo a hora de chegarem os bisnetos!”

Agora, quanto ao mundo, hoje ele é diferente e não adianta ir contra essas coisas. É necessário saber viver, transformar nossa conduta e admitir que nem tudo veio para pior.

As estradas por onde andamos são um grande exemplo. Meus netos [Flora], Joana, Júlia e Léo podem sair cedo daqui de casa para ir à escola em São Paulo no mesmo período. Em minha época, nem escola quase tinha! E ir para São Paulo era o fim do mundo. Quando Elpídio ia tocar em Ubatuba – que hoje gastamos menos de uma hora para chegar –, era necessário sair um dia antes, descer a serra de “cargueiro”, carregando os instrumentos musicais dentro do jacá, levar mantimentos, era uma verdadeira aventura. De qualquer forma, nosso país foi construído desta maneira: tropas que levavam o ouro de Minas, o café aqui do Vale... Precisaram enfrentar muitas dificuldades – e enfrentaram.

Mas é por isso que eu digo que o progresso tem que ser visto a partir de suas coisas boas e de seu lado ruim. Como

tudo era muito difícil, tornava-se impossível fazer as coisas de forma independente como as pessoas têm feito hoje. Vou à Ubatuba desde 1939, e lá sempre foi um lugar muito gostoso, com as pessoas se conhecendo, com a necessidade de fazer a viagem em grupos. Com as facilidades do progresso, qualquer pessoa de muito longe pode passear em Ubatuba. E o crescimento do turismo transforma muita coisa. O povo do local geralmente não gosta do turista e acredito que isso tornou o povo mais áspero. Aqui, em São Luiz, até que a população tem convivido bem com o turismo; porém, se não tomar cuidado com os exageros, só se tem a perder.



Dona Cinira e Netos. Da esquerda para a direita Victor, Marcel, Caio, Leopoldo, Pedro; abaixo Flora, Júlia, Joana, Maysa e Lia. No colo Nina. Foto: Angélica Del Nery. 31/10/2010.

As procissões, os rituais da festa do Divino, são momentos de muita piedade para as pessoas que estão rezando e, atualmente, tem vindo tanto pesquisador que supera o número daqueles que são os responsáveis pela

tradição. Acho ser função da gente lutar por essas coisas e não deixo perder a oportunidade de chamar a atenção quando essas pessoas vêm até minha casa: “Quando você estiver tirando foto, fique meio escondido.” Isso porque o povo quer tirar foto até do nariz dos membros das irmandades. É um desrespeito com as pessoas e com aquilo que está acontecendo.

Essas procissões, essas festas que fazemos, são pouquíssimos os lugares que conseguiram manter. Tudo o que envolve folclore exige que as pessoas sejam muito fortes em suas atitudes para que as tradições não se percam. Tenho certeza de que o turismo não coloca nossa cultura em risco, se continuarmos agindo da mesma forma. Somos muito mais fortes do que nós mesmos imaginamos.

O que não podemos é ficar esperando tudo acontecer naturalmente. Sempre cobrei do poder público e acabei me envolvendo diretamente com ele para ajudar nossa cultura. Pensando sempre em ajudar, trabalhei um tempo de minha vida na prefeitura municipal. Como São Luiz é muito pequeno, conhecemos todo mundo. Quando pessoas próximas chegavam aos cargos de comando, sempre vinham aqui pedir ajuda. Eles me encaminhavam para São Paulo, rumo à Secretaria de Cultura e, se necessário, eu acabava forçando a barra mesmo para conseguir algo para São Luiz.

Sempre participei dessas lutas, mas com o objetivo único de ajudar aquilo em que sempre acreditei. Nunca posições ou dinheiro me deslumbraram. Lembro quando o Condephaat, órgão responsável pela preservação do patrimônio histórico, insistiu muito para que eu fosse delegada. Não quis aceitar. Quando foi necessário sempre fiz denúncias. Não queria um cargo apenas pela importância, mesmo porque você sempre se indispõe com as pessoas. Além do mais, nós sabemos fazer cultura e não ficar em um gabinete fiscalizando.

Não possuo nenhum vínculo com a prefeitura de hoje, mas conheço toda a equipe do atual prefeito Danilo Mikilim, que frequentava minha casa quando criança. Eu gozo até de um carinho muito especial por todos eles. Nem por isso deixo de cobrar ajuda para as nossas coisas. Quase não tenho ido mais à Secretaria de Cultura do estado, porém, se necessário, eu vou. Mesmo sem conhecer as pessoas que lá estão, nossa cultura é muito forte, muita gente sabe disso, e não devemos temer em lutar por ela. O próprio governador Geraldo Alckmin, que é aqui do Vale do Paraíba, veio várias vezes em minha casa e sei que se precisar dele, tenho certeza de que serei respeitada.

E tem de ficar bem claro que nunca me refiro a buscar interesses pessoais. Todo mundo sabe que luto por nossa cidade. Meus filhos aprenderam bem a lição e sempre que saem para tocar em outras cidades nunca deixam de falar de São Luiz. Acho que se for fazer uma análise, temos que admitir, sim, que está tudo funcionando muito bem, pois é fácil perceber o carinho que todos por aqui têm por nossa terra; no meu caso específico, é um sentimento muito especial. Gosto muito do povo, da sua imensa riqueza cultural. Pode-se dizer, ao olhar, por exemplo, um livro que possuo, do pesquisador Alceu Maynard, de 1945, que, apesar de algumas modificações, nossas manifestações culturais não deixaram de ser nem de representar um sentido muito especial para as pessoas.

Talvez por sempre ter muito contato com pessoas de fora de São Luiz, mesmo quando ainda criança, ao trabalhar no hotel, ou durante o convívio com Elpídio, pude perceber a importância de nunca se fechar em um mundo onde sofremos influências de muitas formas. Levar a cultura de São Luiz para outras cidades é uma forma de fazer as pessoas daqui perceberem a importância dela. Como a prefeitura

não tinha uma pessoa responsável pela cultura, sempre me chamava para levar o presépio vivo que fazíamos no SESC Carmo, ou montar a representação de uma “festa popular” – era o nome que atribuíam – na praça da Sé, inclusive com os bonecões que eu confeccionava. Como nem sempre havia muitas pessoas com disponibilidade, várias vezes tratava de colocar meus filhos de rei mago, de São João. Era até engracado.

Acredito ter duas paixões que são fundamentais para ajudar entender nossa cultura e o espaço dela no mundo moderno: a leitura e o gosto por viajar. Quanto à primeira, temos sempre de procurar saber das coisas. Não se pode ficar de braços cruzados a vida inteira. Toda leitura que nos acrescente conhecimentos gerais é muito importante. Conto com meu neto Victor, muito estudioso, que sempre traz livros para que eu possa ler. Tenho coisas relacionadas à nossa cultura, como já citei, o Alceu Maynard. Possuo também um livro sobre São Luiz escrito pelo Dr. Paulo Azevedo, chamado “Paraitinga no meu tempo”. Eu também já li romances, livro espírita – e sendo o livro interessante, a gente aproveita, mesmo quando não se trata de minha religião. Isso evita que aconteçam coisas em nossa vida como um grupo de alunos de uma escola da capital, que me visitou há pouco tempo: “Dona Cinira, nós viemos aqui para ver a festa do folclore”. Eu respondi: “Meus filhos, aqui não tem festa do folclore como vocês estão acostumados a representar. Aqui o folclore vem atraído por uma festa. A festa é sempre religiosa, você pode ver por aí”. “Mas que festa é essa quando vem o folclore?”

Respondi que aqui existem várias festas e o folclore não é algo que vem para a festa. É um elemento constituinte das manifestações presentes, por exemplo na festa mais conhecida, que é a do Divino Espírito Santo. Como a

resposta de um aluno foi a indagação sobre que pessoa era este tal de Divino, eu não aguentei e chamei a atenção da professora: “Olha, professora, este tipo de coisas são conhecimentos gerais. Na escola não se pode ensinar religião, mas o Divino tem de ser conhecido, pois ele é respeitado por todas religiões. Eu não jogo futebol, mas sei quem é o Pelé. Não sou crente, porém sei das coisas do Alan Kardec”.

Por isso devemos sempre ler alguma coisa para acompanhar as mudanças. Escutamos comentários na televisão e precisamos saber como dar opiniões. Isso ajuda na nossa vida e a entender as nossas próprias coisas. As viagens são também muito importantes para isso e, embora já não possa sair muito pela idade que tenho, já conheci muita coisa e sempre estou levando um pouquinho de São Luiz por onde passo. Já passei por toda a região Sul, pelo sul de Minas, São Luiz do Maranhão – onde tenho uns parentes –, Bahia. Já dei oficina de máscaras em uma faculdade de Londrina, a UEL, e, se pudesse, sairia muito mais. Fora do país, fui para o Uruguai, Paraguai e viajei para a Europa, por sinal, uma experiência maravilhosa.

Acompanhada de minha filha Regina e do neto, Victor, passei por Itália, Espanha, França e embora temesse alguma dificuldade com o idioma, não senti problema nenhum. Acho que passear é uma boa sugestão para os moços que vivem iludidos atrás de roupa de marca e acabam não conseguindo guardar dinheiro para fazer um passeio desses. Certa vez, já estava até com passagem marcada para embarcar para Jerusalém, mas desisti por ter estourado aquela guerra. Se souber que a situação melhorou, farei questão de ir.

Portugal é outro país que desejo visitar, mesmo não tendo uma boa impressão do seu povo. Dizem que já melhorou muito, mas que eles ainda não gostam dos brasileiros. Além do mais, quando visitei Ouro Preto, estive na Casa dos

Contos e fiquei extremamente revoltada com a quantidade de ouro que tiravam de nosso país: fazia que tirassem e cunhassem aquela quantidade de ouro daqui e mandassem para Dom João, em Portugal, para pagar suas dívidas. Enquanto na Inglaterra circulava nosso dinheiro em ouro, no Brasil era o vintém – feito de cobre – o dinheiro corrente. Viajar permite essas coisas, conhecer melhor a história e mudar nossa atitude frente aos desafios do mundo.

Essas coisas ajudam a gente a entender que quando estamos lutando por uma coisa maior, não podemos ter medo de enfrentar dificuldades. Sempre tenho ido à televisão: Rede Globo, TV Cultura, TV Bandeirantes, TV SESC, entre outros meios de comunicação. Se alguém perguntasse se eu toparia fazer um discurso qualquer em público, não enfrentaria; mas, ao defender São Luiz, não tenho vergonha alguma. Não me sinto nem inferior nem superior a ninguém e tenho uma cabeça boa. No mundo, todas as pessoas são iguais.

Muitas pessoas falam que sou referência para a cidade, para a cultura, mas, falando a verdade, não sinto nada demais nisso. Sou uma pessoa assim. Sempre minha casa está cheia de amigos, de estudantes, pesquisadores, porém a minha história é simples, é essa estrada da vida. E qualquer pessoa que quiser vir até mim, será sempre muito bem recebida. Tem muita gente que, por qualquer coisa, sobe na cabeça e isso, com certeza, não é o meu caso.

Ao olhar para trás, posso enxergar que a vida sempre foi melhorando de alguma forma. Fui por toda a vida uma pessoa muito ativa e consegui levá-la bem e ser, hoje, uma pessoa muito feliz. Tive um bom casamento e encontrei um marido certo para mim. Elpídio foi um excelente pai. Criamos filhos maravilhosos. Só não tivemos muito dinheiro, mas algo muito mais importante nunca nos faltou: a

felicidade. Sempre ensinei meus filhos que devemos viver com aquilo que possuímos e tudo o que fazemos de bem, receberemos em troca. Sempre ajudei muito os outros. Trabalhei muito e, hoje, sou o que chamam de “popular”. Discordo quando dizem que sou muito importante. Sou uma pessoa assim: de bem com o que fiz e com o que faço.

Minha vida pessoal e São Luiz do Paraitinga são histórias que não consigo enxergar separadamente. E como sempre me adaptei às novas coisas do mundo, tenho certeza de que não vai ser fácil acabar com a força da cultura desta cidade. A festa do Divino já pode, sim, ter se modificado em muita coisa, mas nós conservamos nossas coisas, pois somos muito ligados e nossa cultura passa, naturalmente, de uma pessoa para outra. Falta de dinheiro e de apoio com certeza são dificuldades sérias a serem enfrentadas daqui para frente, porém o mais importante é que a crença do povo difficilmente deixará de existir.

Pessoas que estudam nossa cultura sabem da nossa importância. Há vários professores universitários, como meu amigo Américo Pellegrini, da ECA-USP, que sempre estão atrás de nossas festas. Não deve ser por acaso. Galvão Frade, ex-integrante do Grupo Paranga e hoje Secretário de Cultura de São Luiz do Paraitinga, viveu um tempo na Europa e encontrou nossas coisas até em um museu na Alemanha, inclusive uma bandeira do Divino que eu pintei. Minha família, por ser muito ligada à cultura, sempre se apresenta em várias cidades. Fico orgulhosa de perceber que consegue, em cada lugar, deixar junto com a história do Elpídio e de nossa família a marca da cidade de São Luiz do Paraitinga. Sempre que posso os acompanho, é essa a nossa função.

Não deixa de ser uma realidade que o mundo esteja muito complicado, muito mudado. Se até a natureza tem se

modificado muito, pois são frequentes terremotos, furacões, imagine então os homens. Estar perto da mocidade é sempre importante para perceber essas mudanças, e precisamos nos transformar junto com o mundo. Uma mensagem que serve para toda cultura, de uma forma geral, é que, se hoje não é mais possível fazer um mutirão na roça por não se poder colocar fogo no mato, ou se em qualquer lugar do sertão existe um fogão a gás por não poder cortar lenha, é necessário se adaptar para sobreviver. Se a festa do Divino estivesse parada como aquela festa grandiosa que pude acompanhar ainda pequena, com certeza ela não seria uma festa de destaque hoje em dia, pois ninguém mais entenderia muitas coisas que naquela época a gente amava.

Seção extra: Música para lembrar

Dor da Saudade*

(Elpídio dos Santos)

*A dor da saudade
Quem é que não tem
Olhando o passado
Quem é que não sente
Saudade de alguém...

Da pequena casinha
Da luz do luar
De alguém que se foi
Pra não mais voltar

A dor da saudade...

E até das mentiras
Que fazem sonhar
De alguém que se foi
Pra não mais voltar*



* Trilha sonora do filme *Casinha Pequenina*, de 1963; clipe da novela *Meu pedacinho de chão*; trilha sonora do musical *Bem Sertanejo*, de Michel Teló.

Cinira Pereira dos Santos:
uma mulher iluminada

Um posfácio à vida de Vó Nira:
a voz terna de São Luiz do Paraitinga

José Carlos Sebe Bom Meihy



Dona Cinira, 2005. Foto: Nana Vieira.

Um posfácio à vida de Vó Nira: a voz terna de São Luiz do Paraitinga

JOSÉ CARLOS SEBE BOM MEIHY

Raramente um posfácio se faz necessário. Sua razão visa oferecer ao leitor, ao término da jornada, um último olhar – não um epílogo, mas um suspiro reflexivo que complete a experiência do texto central. Aceitar esse convite é abraçar uma missão delicada: não repetir o que já foi dito, mas iluminar o que pode ser guardado no coração. E se há algo que merece permanecer, após a leitura desta obra, é a figura de Dona Cinira dos Santos – ou Vó Nira, como a chamam os que a amam. Mais do que uma biografia, este livro é um retrato vibrante de uma cidade, de uma cultura regional e, sobretudo, de uma mulher que, sem alarde, tornou-se a própria essência de seu povo.

Nascida em 1º de novembro de 1925, na mesma casa que ainda habita – defronte à ancestral Capela de Nossa Senhora das Mercês, uma das construções mais antigas da cidade –, Dona Cinira é como um rio que carrega em seu curso quase um século de histórias. Suas palavras, ditas com a humildade dos grandes sábios, revelam justamente o que a torna singular: para ela, recordar é apenas "relembra momentos que vivi, presenciei, ou histórias que ouvi quando era jovem". Mas, para nós, é um presente, um mergulho em um passado que se recusa a ser esquecido, um fio dourado que nos conecta ao mais autêntico de São Luiz do Paraitinga.

A teia da vida de Dona Cinira foi tramada em fios de tenacidade desde o princípio. Sua trajetória começou sob o signo da superação, como filha de mãe solteira em uma época em que o estigma social era uma muralha quase intransponível. Contudo, ela encontrou em sua Dona Geralda, um farol de força e sabedoria inabaláveis. "Gente muito 'simples', mas que sabia das coisas", descreve Vó Nira, exaltando a educação firme e o exemplo de vida que sua mãe lhe transmitiu – lições que, por sua vez, foram o alicerce para a criação de seus próprios filhos e netos, construindo um legado de caráter que ecoa em sua família até hoje.

A linhagem materna de Dona Cinira aprofunda suas raízes na terra luizense. Sua mãe era filha de um fazendeiro, seu avô Benedito, nascido em Cunha, cuja principal atividade era a criação de burros para atender às diversas tropas que saíam e passavam por São Luiz do Paraitinga, ponto estratégico entre o Vale do Paraíba e Ubatuba. Esse detalhe, por si só, já revela a profunda ligação da família com o ritmo daquela São Luiz desbravadora do início do século XX. A avó materna, Virgínia, nascida em São Luiz, foi a segunda esposa do avô Benedito, consolidando a presença da família na cidade.

A infância de Dona Geralda, marcada pela dor e pela precocidade, é um retrato pungente das fragilidades da época. Órfã muito cedo, aos sete anos, perdendo pai e mãe em um intervalo de apenas oito dias, ela e seus treze irmãos foram dispersos entre os tios. Contudo, o destino a conduziu à casa da Vó Paulina, uma senhora que Dona Cinira carinhosamente chamava de "madrinha" e "vó", e que viria a ser a provedora do teto sob o qual a própria Vó Nira nasceria e cresceria. A história da aquisição dessa casa, por meio de um usucapião pioneiro arranjado por um juiz amigo da família, o Dr. Mário Aguiar, demonstra não apenas a engenhosidade

jurídica da época, mas a predestinação de Dona Cinira para habitar um espaço tão central na memória da cidade e para se tornar, ela mesma, uma morada de histórias.

Sua educação formal era limitada, mas sua escola de vida foi a máquina de costura de Dona Geralda, que a ensinou a ser "prendada", uma virtude essencial para as moças daquele tempo. As horas dedicadas a desmanchar e refazer correntinhas de crochê, com a linha "Corrente" ou a de carretel, eram lições de paciência e perseverança – virtudes que a acompanhariam pela vida. Seu tempo de menina ajudando em um hotel de sua madrinha, frequentado por "muitas autoridades – desde dentistas, juízes, promotores, professores", deu-lhe um "crédito na comunidade" que a ajudou a navegar pelos preconceitos de ser filha de mãe solteira. "Eu nunca tomei muito conhecimento deste tipo de coisas, nunca me abati...", ela afirma, revelando uma força de caráter que a acompanharia por toda a vida.

A vida adulta de Dona Cinira foi um hino à resiliência. Ajudou a criar quinze irmãos – dos quais, por um destino irônico, apenas ela permaneceu viva, sendo a mais velha. Perdeu o marido jovem e um filho, mas nunca se deixou dobrar. "Sempre procurei me moldar à situação", diz, com a serenidade de quem conhece o peso e a leveza da existência. Trabalhou como auxiliar de enfermagem em São Paulo, mas seu coração sempre esteve em São Luiz, aonde retornou para cuidar dos seus. "Nunca em minha vida fiquei sem trabalhar!", resume, mostrando a ética que herdou.

E então, como um acorde perfeito que se harmoniza com a melodia de sua existência, entrou em cena Elpídio dos Santos – o grande músico, compositor e, acima de tudo, seu grande amor. Dezoito anos mais velho, Elpídio trazia consigo a herança musical de uma família de artistas, liderada pelo Mestre Alves, seu pai, que o iniciou nos segredos de

vinte e dois instrumentos. A história de amor e parceria entre Cinira e Elpídio é um testemunho de cumplicidade e admiração mútua, uma sinfonia que, mesmo após a morte dele em 1970, continua a ressoar na vida de Dona Cinira e na cultura de São Luiz.

Elpídio, apesar de sua genialidade musical – capaz de compor mais de mil músicas e detectar a desafinação de um único instrumento em uma orquestra de cento e vinte, mesmo com apenas um ouvido funcional – não dependia apenas da arte para sustentar a família de sete filhos. Sua dedicação como bancário, e o trabalho incansável de Dona Cinira com artesanato, garantiam o sustento, mas a paixão pela música era a verdadeira melodia de suas vidas. Elpídio compôs dobrados que ainda hoje são tocados pela "Corporação Musical São Luiz de Toloza" e trabalhou com Amácio Mazzaropi. O encontro de Elpídio com o jovem Mazzaropi, então um artista incipiente com um "circo quadrado" que enfrentava as intempéries e a falta de público em São Luiz, é um capítulo fascinante dessa história. Essa amizade e parceria frutífera transcendeu os palcos, gerando uma colaboração duradoura que marcou a trajetória de ambos.

A magnitude da obra de Elpídio dos Santos não se restringe apenas ao seu talento individual; ela continua viva e ressonante graças ao esforço incansável de entusiastas e herdeiros de sua paixão. Para dimensionar e perpetuar esse legado musical, o grupo Paranga emergiu como um farol cultural em São Luiz do Paraitinga. Formado por familiares, músicos dedicados à valorização das raízes musicais da cidade, o Paranga assumiu a missão de dimensionar, interpretar e divulgar as composições de Elpídio, garantindo que suas melodias e letras continuem a embalar as festas e a alma do povo luizense. Através de apresentações, gravações e projetos culturais, o grupo Paranga não só celebra a memória de

Elpídio, mas também o mantém vivo no presente, conectando gerações através da universalidade de sua música.

Se Elpídio foi a alma musical de São Luiz, Dona Cinira foi a animadora cultural que deu corpo e cor às festas da cidade, indo muito além do Carnaval, embora sua marca nele seja inegável. Mãe, artesã, matriarca, ela encontrou nas festas religiosas e no folclore a maior expressão de sua devação e de sua vocação.

A Festa do Divino Espírito Santo, por exemplo, encontra em Dona Cinira uma de suas mais autênticas expressões. Seu domínio na confecção de máscaras, bonecos e bandeiras do Divino não é fruto de aprendizado formal, mas de uma imersão natural na cultura, "ajudando em várias coisas, participando e aprendendo naturalmente". Essa habilidade, inata àqueles que nascem e crescem na efervescência cultural luizense, foi fundamental para manter vivas as tradições. Ela narra com emoção sua participação desde criança nas procissões, como a história de sua "roupa de anjo" feita pela mãe em troca da chupeta, um exemplo da simplicidade e da profundidade da fé que permeava o cotidiano. "Sair numa procissão não era pouca coisa para a gente! Tanto as festas como as procissões eram muito importantes para todas as pessoas!", relembrava, ressaltando o valor intrínseco desses ritos na formação da identidade local.

A religiosidade da Semana Santa, com a procissão solene do enterro que se estendia pela madrugada, e o ritual do "beijamento de Nosso Senhor", eram momentos aguardados e vividos com intensidade. Receber um vestido novo para ir à missa nessas ocasiões marcantes, como a Crisma e a Primeira Comunhão, demonstrava a importância desses ritos na vida da comunidade.

Além das festas religiosas, a voz de Dona Cinira ressoa com a memória de outras manifestações que compõem o

mosaico cultural de São Luiz do Paraitinga. Seu conhecimento e vivência da cultura popular se estendem ao Jongo e ao Moçambique, ritmos e danças que pulsam no coração do Vale do Paraíba. Dona Cinira representa a sabedoria viva que entende que a força da cultura luizense reside em sua vivência orgânica, onde a transmissão do saber se dá no dia a dia, nas rodas de conversa, nas confecções artesanais, e na participação ativa das celebrações. O chitão, que ela consagrou no Carnaval, é apenas uma das muitas faces de sua atuação cultural, uma ferramenta para unificar e colorir a alegria de todos.

Este livro não é apenas sobre uma vida; é sobre o fio invisível que une memória, tradição e futuro. É a voz de Dona Cinira que nos guia, mas é a sensibilidade e o comprometimento de João Rafael Cursino que nos permitiram ouvi-la com tamanha clareza. Seu trabalho transcende a mera pesquisa acadêmica, revelando-se um ato de amor e respeito pela cultura de sua terra natal. Cursino, ao dedicar-se a mergulhar na alma de São Luiz do Paraitinga e a dar voz a seus mais preciosos guardiões, como Vó Nira, demonstra um comprometimento que vai além das exigências da academia. Sua escrita, atenta aos detalhes e aos sentimentos, consegue transformar relatos orais em um tecido narrativo que pulsa com vida e autenticidade.

João Rafael Cursino é um autor sensível e comprometido, um verdadeiro tecelão de histórias que comprehende a riqueza da oralidade e a importância de preservar as vozes que formaram a identidade de São Luiz. Seu talento em capturar a essência de Dona Cinira e de sua época é um presente inestimável para as gerações presentes e futuras. Ele não apenas transcreveu memórias; ele as elevou à categoria de legado, garantindo que a sabedoria e a beleza da vida de Vó Nira inspirem e ecoem por muito tempo.

Ao fechar estas páginas, o leitor leva consigo mais que histórias – leva o cheiro da terra úmida de São Luiz, o som das tropas no vale, as notas dos vinte e dois instrumentos de Elpídio, o riso de Mazzaropi e o ritmo do Paranga. Mas, acima de tudo, leva a presença amorosa de Vó Nira: mulher que, sem precisar de grandiosidades, tornou-se eterna. Que sua história, tão cuidadosamente registrada por João Rafael Cursino, nos lembre que o verdadeiro patrimônio de um povo não está apenas nos monumentos, mas nas pessoas que, com gestos simples e uma vida dedicada à sua comunidade, guardam o passado e semeiam o futuro. Como ela mesma diria: "Não fiz nada de especial". E é justamente nessa simplicidade que reside sua imensa e inesquecível grandeza.



Dona Cinira, 2011. Foto: Nana Vieira.

[...] E se há algo que merece permanecer, após a leitura desta obra, é a figura de Dona Cinira dos Santos – ou Vó Nira, como a chamam os que a amam. Mais do que uma biografia, este livro é um retrato vibrante de uma cidade, de uma cultura regional e, sobretudo, de uma mulher que, sem alarde, tornou-se a própria essência de seu povo.

(do Posfácio de José Carlos Sebe Bom Meihy)

Fomento

Produção

Realização



Secretaria de
Cultura, Esportes
e Indústria Criativa

